Desde 2004, o Projeto MOVA-Brasil vem dedicando-se a alfabetizar homens e mulheres que tiveram este direito negado na infância. Entre 2004 e 2007 passaram pelo processo cerca de 75 mil educandos, que puderam vivenciar uma metodologia pautada na Educação Popular, na valorização do sujeito, dos seus saberes, da sua história, da sua realidade e, sobretudo, no diálogo. Tendo como cerne a teoria de conhecimento de Paulo Freire, desenvolve uma alfabetização permeada pela Leitura do Mundo, sempre com "palavras grávidas de mundo", como afirmava o educador.

Este livro pretende compartilhar práticas pedagógicas do Projeto, contribuindo para o desenvolvimento das experiências de alfabetização.

ISBN 978-85-60867-08-0

Projeto

MOVA-Brasil

Desenvolvimento & Cidadania

Projeto

MOVA-Brasil

Projeto Político-Pedagógico Participativo
EXPERIÊNCIAS DO MOVA-Brasil

O Projeto Político-Pedagógico Participativo
EXPERIÊNCIAS DO MOVA-Brasil

GRUPO GESTOR
FUP – Federação Única dos Petroleiros
IPF – Instituto Paulo Freire
Petrobras – Petróleo Brasileiro S.A.

COORDENAÇÃO NACIONAL 2007
MOVA-Brasil
COORDENADORES DE PÓLO
Eliane Bandeira e Silva – Rio Grande do Norte
Gilmar Ferreira – Sergipe
Isabel Silva Silveira – Bahia
Gerusa Elisa Wanderley de Mello – Pernambuco
Maria Vilacir Catunda Magalhães – Ceará
Raquel Fernandes Oliveira – Rio de Janeiro
Renata Paredes – São Paulo

INSTITUTO PAULO FREIRE
Moacir Gadotti
Presidente do Conselho Administrativo
Alexandre Munck
Diretor Administrativo e Financeiro
Ângela Antunes
Diretora de Gestão do Conhecimento
Francisca Pini
Diretora Pedagógica
Paulo Roberto Padilha
Diretor de Desenvolvimento Institucional
Marcia Cristina de Oliveira
Coordenadora da Educação de Adultos

COLABORADORES
Adriana Silva
Kadine Teixeira
Hilderlândia Penha Machado Santos

Carlos Coelho
Revisão
Paula Santos
Identidade Visual

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Projeto MOVA-Brasil: alfabetização, cidadania e organização social / organizadores Marcia Cristina de Oliveira, Marcia Trezza, Wellington de Oliveira. – São Paulo : Cortez; Rio de Janeiro : Comitê Gestor do Projeto – Petrobras, Federação Única do Petroleiros (FUP); São Paulo : Instituto Paulo Freire (IPF), 2010.

Bibliografia
ISBN 978-85-249-1446-1

1. Alfabetização 2. Cidadania 3. Educação – Brasil 4. Educação de adultos 5. Educação de jovens 6. Educação popular 7. Freire, Paulo, 1921-1997 8. Projeto Mova-Brasil I. Oliveira, Marcia Cristina de. II. Treza, Marcia. III Oliveira, Wellington.

08-08076 CDD-374.012

Índices para catálogo sistemático:
1. Projeto MOVA-Brasil : Alfabetização de jovens e adultos : Educação 374.012

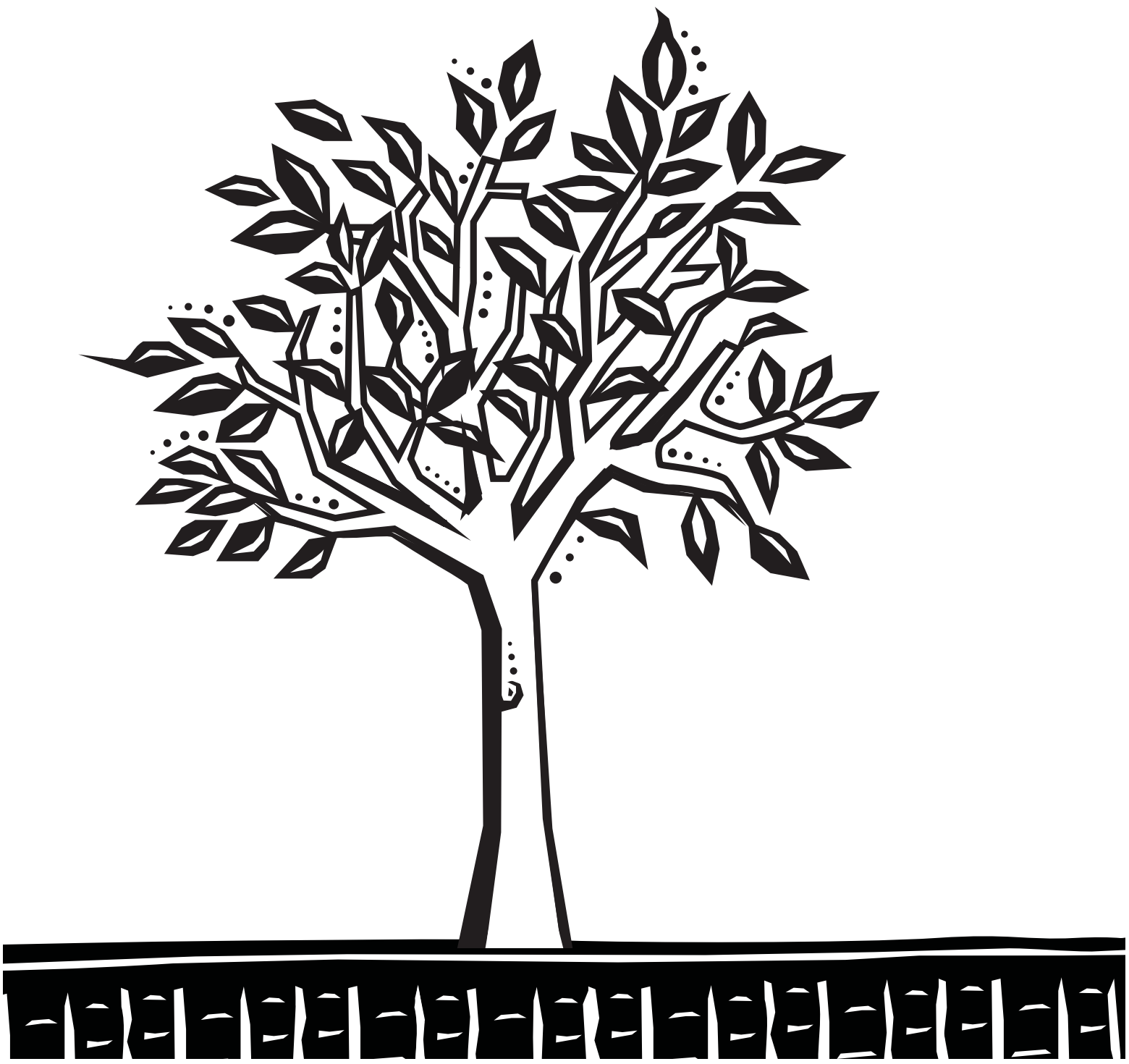
Instituto Paulo Freire (IPF)
Rua Cerro Corá, 550 cj. 22 1º andar sala 10
05061-100 São Paulo SP Brasil
Tel.: (55 11) 3021-5536
www.paulofreire.org
ipf@paulofreire.org

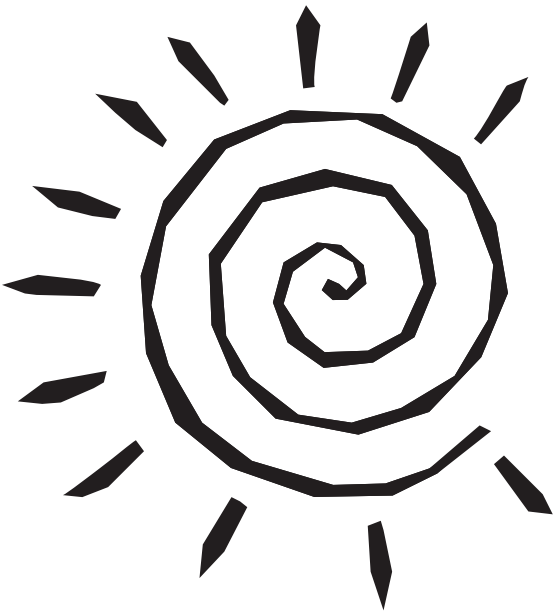
InstitutoPauloFreire
FUP FEDERAÇÃO ÚNICA DOS PETROLEIROS
PROGRAMA PETROBRAS DESENVOLVIMENTO & CIDADANIA
BR PETROBRAS
Ministério da Educação
BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

O Projeto Político-Pedagógico Participativo
EXPERIÊNCIAS DO MOVA-Brasil

Marcia Cristina de Oliveira
Marcia Trezza
Wellington de Oliveira
Organizadores

Dezembro/2010





Nada é impossível de mudar

Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo,
o que parece habitual.

Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural,
nada deve parecer impossível de mudar.

Bertold Brecht

sumário

Apresentação
Introdução

1. Reinventando Paulo Freire no fazer político-pedagógico do MOVA-Brasil

2. Estudo da realidade
2.1. História de vida
2.1.1. Relatos de atividades
2.2. O perfil dos sujeitos do processo de alfabetização
2.2.1. Relatos de atividades
2.3. Local onde desenvolvem o trabalho
2.3.1. Relatos de atividades
2.4. Identidade do grupo (turma e/ou núcleo)
2.4.1. Relatos de atividades
2.5. Primeira aproximação da realidade dos(as) educandos(as)
2.5.1. Relatos de atividades
2.6. Levantamento da situação sociopolítica, econômica, ecológica e cultural dos(as) educandos(as) e comunidades
2.6.1. Orientação para pesquisa na comunidade
2.6.2. Relatos de atividades

3. Planejamento
3.1. Organização do estudo da realidade
3.1.1. Quadro orientador do planejamento estratégico
3.2. Plano de aula
3.2.1.Quadro orientador do plano de aula
3.3. Plano de mobilização e intervenção social
3.3.1. Quadro orientador
3.3.2. Relatos de atividades

4. Avaliação
4.1. Avaliação diagnóstica inicial dos(as) educandos(as)
4.1.1. Relatos de atividades
4.2. Portfólio dos(as) educandos(as)
4.2.1. Organização do portfólio
4.2.2. Relatos de atividades
Considerações finais
Referências bibliográficas
Anexo

apresentação

Este caderno tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento e socialização das atividades de formação do Projeto MOVA-Brasil. Para tanto, os aspectos aqui apresentados abordam as principais temáticas e procedimentos que envolvem a elaboração do Projeto Político-Pedagógico, tendo como perspectiva educativa o pensamento freiriano da Pedagogia Libertadora e a Educação Popular.

Todo o material aqui reunido é fruto das práticas político-pedagógicas desenvolvidas nos polos e núcleos de alfabetização do Projeto MOVA-Brasil. Foi organizado a partir dos registros do trabalho e das reflexões realizadas pelos educandos(as) e educadores(as) nas salas de aula, nas reuniões de formação nos núcleos, nas reuniões gerais e de coordenação. Processo este que vem sendo construído desde o início do projeto e se reflete nas experiências de todos(as) os(as) envolvidos(as).

A introdução apresenta a estrutura do MOVA-Brasil, até

então organizado em quatro fases, além do panorama nacional quanto ao analfabetismo no Brasil e as políticas de alfabetização de jovens e adultos implantadas nos últimos oito anos. É um momento de contextualização, de olhar para o já vivido enquanto possibilidades do fazer uma Educação Popular que considere as demandas dos sujeitos que a vivem.

O primeiro capítulo propõe a reflexão sobre o legado do educador Paulo Freire (1921-1997) e suas contribuições ao campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A adoção desse referencial, numa perspectiva ampliada e contextualizada, nos desafia a propor processos de aprendizagem voltados a uma Educação que se faz libertadora e transformadora. Esse capítulo trata da atualidade de Paulo Freire.

O segundo capítulo discorre sobre o *estudo da realidade* enquanto momento inicial de apresentar ao(à) educador(a) os(as) educandos(as) a suas demandas, realidades, desejos, saberes e experiências. Traz relatos de atividades que têm como objetivo levantar essas informações: história de vida, perfil dos sujeitos, local onde desenvolvem seu trabalho, identidade do grupo, reconhecer situações significativas e identificar um temas geradores entre outras informações igualmente importantes.

O terceiro capítulo discorre sobre o processo de *planejamento* enquanto momento de diálogo e de organização das etapas necessárias para a realização do trabalho pedagógico. Trata da organização dos dados coletados na etapa de estudo da realidade, apresenta um quadro orientador do planejamento estratégico, assim como, com a mesma importância e atenção, trata das etapas referentes ao plano de aula e ao plano de mobilização e intervenção social.

O quarto capítulo discorre sobre o processo de *avaliação* quanto as suas dimensões diagnóstica e processual, a partir de reflexões em torno de aspectos determinantes a ela: ideológicos, políticos e culturais, assim como o desafio de assumir qual a sua função nos contextos de alfabetização de jovens e adultos.

Dimensões que se relacionam o tempo todo, em toda a prática pedagógica, as atividades descritas não representam uma sequência a ser cumprida. São relatadas com a intenção de apresentar possibilidades para se desenvolver a ação pedagógica no Projeto.

Por fim, apresentamos algumas considerações sobre

todo esse processo/trabalho, sempre na perspectiva de aprimorar as práticas, na busca de garantir processos cada vez mais críticos, criativos e sustentáveis, sem perder, no relato, seu caráter reflexivo, problematizador de uma prática que traz como possibilidade a centralidade dos(as) educandos(as), e a garantia de sua aprendizagem.

Mais que o registro, este caderno pretende mostrar que, a partir de práticas mais inclusivas e mais significativas, que considerem os sujeitos e todo seu universo, uma outra Educação é possível. Acreditamos que um outro mundo é possível; mais humano, mais igualitário, mais inclusivo, e que garanta a todos e todas o direito de ser e estar no mundo de uma forma mais protagonizante e protagonizadora.

Boa leitura, bom estudo.

introdução

O governo brasileiro e a sociedade civil ainda enfrentam muitos desafios em relação à Educação de Jovens e Adultos (EJA). O índice de analfabetismo no Brasil é de 9,7%. Apesar da queda de 1,8% entre 2004 e 2009, em números absolutos, o total de analfabetos no país é de 14,1 milhões de pessoas (PNAD 2009). A meta do Brasil, definida em um acordo estabelecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), é chegar à taxa de 6,7% de analfabetismo em 2015; portanto, ainda há muito a fazer. A VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (Confintea) coloca como desafio, ou melhor, como "*imperativo que redobremos os esforços para reduzir os níveis de analfabetismo do ano 2000 em 50% até 2015*" (Marco de Ação de Belém, 2010). Além desse desafio, outros ainda se apresentam: atender jovens e adultos com tempo de escolaridade menor que quatro anos (hoje, em torno de 20,3% – com queda de 0,7% em relação a 2008); oferecer uma escola de qualidade aos educandos e

educandas da EJA; expandir o alcance de grupos sociais e regiões do País que apresentam taxas de alfabetização mais baixas e abranger as populações pobres das zonas rurais, nordestinos, afrodescendentes e mulheres com mais de quarenta anos; alcançar a equidade de sexo, pois a desigualdade continua muito acentuada nos grupos etários com mais de 40 anos, particularmente entre as mulheres afrodescendentes.

Uma longa caminhada

começou com um pequeno passo, e esse primeiro passo foi o de acreditar na EJA. Uma ratificação da importância da EJA é a constatação em pesquisas realizadas por diferentes organizações, e que apontam as mudanças que a alfabetização propicia na vida dos que participam desses programas, possibilitando-lhes a transformação de sua realidade como:

1. Adquirem mais confiança e autonomia no interior de suas famílias e comunidades;
2. Sentem-se mais capacitados que os não alfabetizados quando levam e trazem seus filhos da escola, inclusive para monitorar seu progresso;
3. Alteram suas práticas de saúde e de nutrição em benefício de suas famílias;
4. Aumentam sua produção e seus ganhos, usando informações recebidas nos programas de alfabetização ou acessando outras informações;
5. Participam mais efetivamente da comunidade e da política;
6. Mostram melhor compreensão das mensagens disseminadas pelo rádio e pela mídia impressa;
7. Desenvolvem novas e produtivas relações sociais por meio de seus grupos de aprendizagem;
8. Utilizam suas habilidades de alfabetização e as usam para expandir sua satisfação na vida diária.[1]

A possibilidade

de contribuir para a transformação da vida dos educandos e educandas foi o elemento motivador do surgimento do desenvolvimento do Projeto MOVA-Brasil, uma parceria entre Petrobras, Federação Única dos Petroleiros (FUP) e Instituto Paulo Freire (IPF), e envolveu, até a quarta fase, nove Estados brasileiros, num crescente no que se refere a atendimento, conforme quadro ao lado.

1 SANTOS, Maria Alice de Paula; CUKIERKORN, Monica M. de O. Braga (Org.). *Projeto MOVA-Brasil: alfabetização, cidadania e organização social*. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: Comitê Gestor do Projeto – Petrobras, Federação Única dos Petroleiros (FUP); São Paulo: Instituto Paulo Freire (IPF), 2003. p. 10.

Atendimento MOVA-Brasil

FASES	MUNICÍPIOS	TURMAS	EDUCANDOS
1ª FASE	166	545	12.167
2ª FASE	82	550	14.440
3ª FASE	119	925	23.301
4ª FASE	219	1.000	25.000

Projeto MOVA-Brasil – FSM NAIRÓBI 2007

Os quadros a seguir apresentam o detalhamento desse atendimento por estado polo, em cada uma das quatro fases:

1ª FASE (janeiro a outubro/2004)
5 estados: BA, CE, RN, RJ, SP

1ª FASE	
ESTADOS-polo	**Nº DE EDUCANDOS INSCRITOS**
BAHIA	2.979
CEARÁ	2.828
RIO GRANDE DO NORTE	2.498
RIO DE JANEIRO	2.273
SÃO PAULO	1.589
TOTAIS	
5 ESTADOS-polo	12.167 EDUCANDOS INSCRITOS

2ª FASE (novembro/2004 a julho/2005)

2ª FASE	
ESTADOS-polo	**Nº DE EDUCANDOS INSCRITOS**
BAHIA	3.054
CEARÁ	2.977
RIO GRANDE DO NORTE	3.395
RIO DE JANEIRO	2.109
SÃO PAULO	1.897
SERGIPE	1.008
TOTAIS	
6 ESTADOS-polo	14.440 EDUCANDOS INSCRITOS

3ª FASE (agosto/2005 a abril/2006)

3ª FASE		
ESTADOS-polo	**Nº DE EDUCANDOS INSCRITOS**	
BAHIA	3.943	
CEARÁ	3.259	
RIO GRANDE DO NORTE	3.527	
RIO DE JANEIRO	2.256	
SERGIPE	3.162	
SÃO PAULO (Programa Brasil Alfabetizado)	7.154	
TOTAIS		
6 ESTADOS-POLO (contando a parceria com o Programa Brasil Alfabetizado no Estado de SP)	23.301 EDUCANDOS INSCRITOS (contando a parceria com o Programa Brasil Alfabetizado no Estado de SP)	16.147 EDUCANDOS INSCRITOS (SEM contar a parceria com o Programa Brasil Alfabetizado no Estado de SP)

4ª FASE (agosto/2006 a junho/2007)

4ª FASE	
ESTADOS-polo	**Nº DE EDUCANDOS INSCRITOS**
BAHIA	4.400
CEARÁ	4.175
PERNAMBUCO	2.725
RIO GRANDE DO NORTE	4.625
RIO DE JANEIRO	3.050
SÃO PAULO	975
SEMIÁRIDO	1.525
SERGIPE/ALAGOAS	3.525
TOTAIS	
8 ESTADOS-POLO	25.000 EDUCANDOS INSCRITOS

O Projeto MOVA-Brasil foi elaborado segundo os princípios do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA-SP). Esse programa foi criado por Paulo Freire na cidade de São Paulo, em 1989, quando era Secretário Municipal de Educação, seguindo a orientação da Educação Popular. O objetivo foi promover um amplo movimento de alfabetização em parceria com a sociedade civil.

O exemplo de Paulo Freire foi seguido e continua dando frutos em muitos municípios, associando o poder público, organizações não governamentais (ONGs) e grupos sociais. Conforme o Estado e o município em que o projeto foi sendo implementado, ao nome MOVA acrescia-se o nome do lugar: MOVA-Belém, MOVA-Porto Alegre, MOVA-RS e assim por diante. Também se adotou o nome para identificar um conjunto de municípios, como MOVA-ABC (região da Grande São Paulo). No caso deste projeto se referir a um conjunto de Estados brasileiros, aplicou-se o nome MOVA-Brasil.

Desde 2001, com o objetivo de fortalecer o trabalho de alfabetização e da EJA, os(as) educadores(as) que participam dos programas de alfabetização e que comungam dos mesmos objetivos vêm se organizando por meio da Rede MOVA-Brasil. O Projeto MOVA-Brasil faz parte da coordenação nacional dessa rede, por meio de representantes de todas as regiões do Brasil, e está sempre presente nos Fóruns Mundiais de Educação (FME) e Fóruns Sociais Mundiais (FSM).

O MOVA-Brasil centrou suas atividades em uma das regiões com maior índice de analfabetismo: a região Nordeste. E, apesar de a região Sudeste apresentar um número de pessoas não alfabetizadas menor do que nas regiões Norte e Nordeste, alguns locais dessa região concentram grande número de pessoas analfabetas e pobres, e por isso ela também foi escolhida. O projeto atende os municípios priorizados no Programa Fome Zero ou que desenvolveram projetos de atividade agrícola para combater o desemprego e a fome.

Segundo dados divulgados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, em inglês), no total, 14,1 milhões de brasileiros, o que equivale a 10,5% da população maior de 15 anos, não sabe ler nem escrever. No mundo, são 776 milhões de adultos nesta situação.

Para envolver os(as) jovens e adultos(as) dessas regiões no processo de alfabetização, a

proposta metodológica precisa atender às necessidades dessa população. Por isso, o projeto se fundamenta nos princípios filosófico-político-pedagógicos de Paulo Freire e tem como objetivos:

- Contribuir para a redução do analfabetismo no Brasil;
- Promover o fortalecimento da cidadania e pressionar no sentido de construir políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos;
- Estabelecer parcerias com organizações, sindicatos, movimentos sociais e populares, governos e outros projetos do Programa Petrobras Fome Zero.

Um pouco mais dessa história, das escolhas e práticas político-pedagógicas dos(as) educadores(as) que têm atuado na perspectiva da mudança e da construção de uma sociedade mais justa, são o foco desta segunda publicação produzida no âmbito do projeto MOVA-Brasil.

1. Reinventando Paulo Freire no fazer político-pedagógico do MOVA-Brasil

> Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho.
>
> (FREIRE, 1999, p. 98).

Para Paulo Freire, a educação é consequência da nossa incompletude e inacabamento enquanto ser humano, e da consciência que temos dessa nossa condição. Tendo essa compreensão, os sujeitos devem aguçar a sua capacidade de estranhamento, que ocorre por meio do desenvolvimento da consciência crítica ao longo do processo histórico, e se comprometerem com a luta pela superação da opressão e das desigualdades sociais. Assim, a educação possibilita que homens e mulheres estejam redescobrindo, por meio de diversas abordagens, óticas e dimensões, o que já sabiam, e estejam aprendendo o que não conheciam.

Esse aprendizado deve ser desenvolvido na perspectiva de que os(as) educadores(as) e os(as) educandos(as) atuem na realidade em que vivem, transformando-a conforme as demandas apresentadas e tendo como referência princípios éticos e humanizadores: vigência da democracia, justiça social, sustentabilidade e respeito à diversidade (gênero, etnia, idade...).

Para Freire, a educação jamais é neutra, contém uma intencionalidade. Portanto

pressupõe escolhas, estejamos, ou não, conscientes delas, referentes aos conteúdos, às metodologias, à avaliação, à comunicação, à convivência etc. Dependendo das decisões, ou seja, das escolhas que fazemos, a educação que realizamos pode ser transformadora e emancipadora ou conservadora – contribuir para a manutenção da organização e dinâmica social, *status quo.*

A prática educativa libertadora deve proporcionar aos sujeitos envolvidos a compreensão de que a forma como o mundo está sendo não é a única possível: conscientização. O conhecimento construído nessa perspectiva tem a função de motivar e impulsionar a ação transformadora. O ser humano deve entender a realidade como modificável e a si mesmo como capaz de modificá-la.

Paulo Freire, por sua postura, princípios e construção teórico-metodológica, revelou-se um ser humano esperançoso. É como afirma em seu livro *Pedagogia da esperança:* "não por teimosia, mas por imperativo histórico e existencial". Ele dizia que uma das condições fundamentais é tornar possível o que parece não ser possível. "A gente tem que lutar para tornar possível o que ainda não é possível. Isto faz parte da tarefa histórica de redesenhar e reconstruir o mundo".

Tarefa histórica era uma expressão muito usada por Paulo Freire. Sua consciência ética apontava sempre para a necessidade de inconformar-se com as coisas no modo como estão e da reinvenção do humano. Compreendia essas necessidades como tarefa que recebemos de nós mesmos, na nossa relação com o mundo real: a perene construção da felicidade coletiva.

A partir desta concepção de educação, é possível educadores(as) e educandos(as) situarem-se e agirem reflexivamente no contexto local e geral da sociedade. O(A) educador(a) é o(a) provocador(a) no processo de construção de saberes do mundo e na compreensão do mundo que o cerca, estimulando o(a) educando(a), por meio do diálogo, a trocar experiências, ampliar saberes e intervir na realidade. Para Paulo Freire o diálogo é condição para o conhecimento, que implica comprometimento com a promoção da vida. O ato de conhecer se dá num processo social e é o diálogo o mediador desse processo.

Isto implica em não "educar para"; mas, a "educar com". Nesse sentido, a formação do(a) educando(a) requer um fazer pedagógico sensível e imerso

na sua realidade, de forma que aborde suas problemáticas, reconhecendo seus desafios e potencialidades. É na sua existência concreta (pessoal e coletiva) que os indivíduos se constroem e reconstroem constantemente, ora afirmando ora contrapondo-se, mas sempre reconstruindo a si e o contexto em que atua.

É por isso que se afirma que a prática educativa passa também pela afetividade e pelas emoções (elementos constitutivos do humano), sendo que "o ouvir" e "o se fazer ouvir" ocupam papel determinante neste processo: necessitamos do outro até mesmo para nos tornarmos humanos ("incompletude"), mas ao recebermos as marcas do outro (re)significamo-las.

Se quisermos educar, formar sujeitos históricos que exerçam sua humanidade, observando e analisando criticamente o contexto em que estão inseridos, intervindo sobre ele, transformando-o, não podemos estabelecer uma relação de dominação no processo educativo. A relação de dominação é negadora da condição humana. Nesse sentido, quando, na relação educativa, impeço o outro de também ser sujeito do processo, estou negando a sua condição de *ser humano*.

A educação transformadora deve ser necessariamente dialógica, não dominadora, com relações horizontais, de cooperação entre os sujeitos.

É necessário que tenhamos clareza de que democracia é a participação, é algo que se aprende, principalmente, praticando-a, vivenciando-a. Ela está diretamente relacionada:

- à forma como organizamos o espaço e o tempo educacional;
- ao tempo reservado para os encontros entre os diferentes segmentos (educadores, educandos, familiares, membros da comunidade...) para construir, acompanhar e avaliar coletivamente o projeto político-pedagógico da ação educativa;
- a nossa preocupação com a organização de espaços favoráveis à socialização das informações e tomada de decisões coletivas;
- à concepção que temos de conhecimento;
- à forma como selecionamos os conteúdos e as metodologias de ensino-aprendizagem;
- à concepção de educador(a) subjacente à nossa prática – relação educador(a)/ educando(a);
- à forma como se criam e são reproduzidos os valores e saberes;

- às práticas que são valorizadas e às vozes que são silenciadas no cotidiano (quem fala, quem ouve, quem concebe, quem executa, quem avalia, quem é avaliado, o que é avaliado, por que e quem é avaliado);
- à forma como tratamos as culturas das diversas etnias, os grupos oprimidos ou sem poder (o mundo feminino, a classe trabalhadora, os grupos indígenas, as pessoas em situação prisional etc.).

A prática pedagógica, na perspectiva libertadora, requer reafirmação, negociação, criação, resolução de problemas e construção de saberes que extrapolem conteúdos e práticas já cristalizados. O(A) educador(a) progressista não pode prescindir de uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade, à sua própria autonomia e do(a) educando(a).

Contudo, assumir essa postura demanda do educador um exercício permanente. É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável às mudanças.

A convivência amorosa e, ao mesmo tempo, provocativa, para que os educandos se assumam enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que pode construir o respeito à dignidade e à autonomia. A competência técnico-científica e o rigor de que o educador não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento comprometido com as transformações sociais, rumo ao processo de humanização.

A prática pedagógica referenciada nos princípios teórico-metodológicos freirianos adquire uma dimensão estética e ética, movida pelo desejo, pela generosidade, pela esperança e vivida com alegria. Implica na aceitação do novo, na rejeição da discriminação e na reflexão crítica sobre a prática, garantindo o rigor metodológico, a pesquisa, a

competência, a criticidade, o respeito aos saberes dos educandos e o comprometimento político.

Hoje, no início do século 21, pensando nas contribuições do passado e nos desafios da atualidade, devemos reafirmar a necessidade da construção de uma *educação humanizadora* nos diferentes espaços educativos: escolas, movimentos e projetos sociais populares, pastorais sociais, ONGs, associações, sindicatos etc. Uma educação para a qual a pessoa que se educa está destinada a *conviver* e a *ser* a partir do que estará sempre adquirindo e reconstruindo em si mesma com e por meio dos outros. Aprendendo mais e densamente sobre as teorias, do saber que provém da experiência vivenciada de uma afetiva, efetiva e crescente formação pessoal e interativa. Uma vida de busca do outro e de compartilhamento como sentido dela própria no cotidiano, como fundamento da razão de ser da experiência humana no mundo.

Para isso, o(a) educador(a) deve assumir uma prática pedagógica que pergunte às pessoas quem elas são, que se abra a ouvi-las dizer como elas desejam e não desejam ser; em que mundo querem viver; a que mundo de vida social estão dispostas a ser preparadas para preservar, criar ou transformar. Em um plano mais amplo, a educação deve criar condições para que o sujeito crie solidariamente o mundo social da crescente plenitude dos direitos humanos, estendidos a todos(as) em todas as suas dimensões. Apenas no contexto deste quadro universal, em que somos sujeitos criadores e críticos de nossos mundos de vida cotidiana e dos rumos de nossos destinos e da história que fundamos, é que faz sentido sermos, também, uma força de trabalho, um profissional competente.

Mesmo que a conjuntura apresente permanentes e novos desafios, a prática pedagógica fundamentada na concepção de educação progressista libertadora poderá ser garantida se assumirmos a sua dimensão política, estética e ética. Isso

implica a aceitação do novo, a rejeição da discriminação, a reflexão crítica sobre a prática, com rigor metodológico e investigativo, como também a participação política em espaços de construção e mobilização social, tais como:

a) no espaço escolar – aprofundamento da relação escola-comunidade, como também democratização da gestão e construção do protagonismo infanto-juvenil;
b) nos governos populares e nos projetos de ONGs – participação e incentivo para que o coletivo garanta o controle social das políticas públicas e atue nos espaços de democracia participativa (conselhos e fóruns);
c) nos movimentos sociais, sindicatos e associações – promoção da formação política e das estratégias de luta, que na atual conjuntura enfrenta o desafio de construir a unidade na diversidade, superando a fragmentação para construir uma força com uma proposta alternativa. Isto implica em fortalecer as redes e as articulações de iniciativas populares por meio de processos pedagógicos críticos e propositivos.

Quando educandos(as)

adultos(as) decidem retornar ou frequentar as salas de aula, precisam enfrentar obstáculos e preconceitos, muitas vezes presentes neles mesmos, e/ou na sociedade. Mesmo assim, buscam a superação em função de um enorme desejo de aprender. Por isso, precisam ser acolhidos de forma que permaneçam em sala de aula. Diante disso, o(a) educador(a) de EJA precisa planejar suas ações principalmente em prol da valorização da autoestima desses educandos e educandas, valorizando individualidades, conhecimentos construídos ao longo das experiências de vida, as formas de expressão cultural, condições emocionais e de trabalho. Além disso, as metodologias utilizadas precisam alimentar constantemente o desejo de aprender, proporcionando um

ensino comprometido com aprendizagens significativas, que permeiem as objetividades e subjetividades humanas que realmente façam parte da vida dos educandos(as), levando sempre em consideração suas necessidades e anseios.

É considerando essa realidade que o Projeto MOVA-Brasil elabora o seu Projeto Político-Pedagógico por meio da construção ativa e participativa dos diversos segmentos que o compõem.

O Projeto Político-Pedagógico é pensado como um processo de mudança e de antecipação do futuro, em que se estabelecem princípios, diretrizes e propostas de ação para melhor organizar, sistematizar e significar as atividades desenvolvidas pelo Movimento, processo este que se faz fundamental à concretização dos objetivos propostos.

No Projeto MOVA-Brasil, a formação tem um papel fundamental na articulação das ações desenvolvidas pelos diferentes sujeitos que participam do Projeto: educandos(as), educadores(as), coordenadores(as) locais, de polo, assistentes pedagógicos, coordenadores(as) técnico-pedagógicos, articuladores(as) sociais e a comunidade como um todo. Essa participação é muito importante para se alcançar objetivos fundamentais como o fortalecimento da cidadania e a alfabetização de educandos(as) jovens e adultos(as).

Para que o Projeto Político-Pedagógico se concretize é necessário transformar as ideias em ação; para isso, realizamos os encontros de formação dos(as) coordenadores(as) locais e educadores(as). Os encontros de formação ocorrem em dois momentos distintos: o primeiro momento trata da formação inicial, que tem por objetivo possibilitar uma aproximação com os objetivos do projeto, sua estrutura e funcionamento, a metodologia proposta, os instrumentos de acompanhamento e avaliação do processo, entre outros aspectos. O segundo momento destina-se

à formação continuada, que ocorre durante todo o período de desenvolvimento do projeto, a fim de elaborar o planejamento, refletir sobre a prática, avaliar as ações realizadas e realizar a sistematização de experiências, num movimento constante de ação-reflexão-ação.

A formação continuada se dá através do acompanhamento do trabalho cotidiano, que é realizado pelo(a) coordenador(a) local na interlocução com os educadores(as), visando à reflexão das intervenções junto aos(às) educandos(as). É nesse momento que coordenadores(as) e educadores(as) relatam e refletem sobre o fazer pedagógico, analisam o processo de aprendizagem dos(as) educandos(as), pensam e organizam seus portfólios. Nesses momentos também, os(as) educadores(as) e coordenadores(as) planejam a participação desses em sala de aula e a troca das suas impressões com os(as) educadores(as) e, ainda, o planejamento e redirecionamento do plano de trabalho e da articulação com outros(as) agentes para a intervenção na realidade local.

Ainda como parte dessa formação, há os encontros mensais do(a) coordenador(a) de polo com os(as) coordenadores(as) locais, visando à integração e ao planejamento das ações desenvolvidas no Estado.

Outro momento privilegiado da formação continuada acontece quando o(a) coordenador(a) de polo reúne os(as) coordenadores(as) locais e educadores(as) para a reflexão, o registro, a sistematização do trabalho e a troca de experiências. É uma formação abrangente com temas de interesse coletivo e outros que respondam às especificidades de cada localidade.

Nessa perspectiva, o registro e a sistematização do

trabalho assumem uma dimensão primordial, uma vez que permitem apontar os avanços e as dificuldades enfrentadas cotidianamente.

É também nos espaços de formação que as relações entre teoria e prática devem ser consideradas, discutidas e vivenciadas, contribuindo para que os(as) educadores(as) se apropriem de uma metodologia pautada na valorização dos saberes dos(as) educandos(as) e na construção de novos conhecimentos.

Portanto, a formação cumpre uma função essencial no Projeto MOVA-Brasil, pois estimula a capacidade de pesquisar, refletir sobre a atividade de ensinar e formular alternativas para o aperfeiçoamento do ensino que é indispensável aos(às) educadores(as). Trata-se de estabelecer uma outra relação entre os sujeitos e o conhecimento que, por sua vez, redimensiona o papel dos(as) educadores(as) como mediadores(as) da prática educativa.

2. Estudo da realidade

O estudo da realidade é o primeiro passo do processo ensino-aprendizagem. É o momento no qual o(a) educador(a) vai conhecer o grupo de educandos(as), a leitura de mundo e o conhecimento prévio sobre o contexto em que eles(as) vivem. Esse estudo é feito por meio do trabalho minucioso de aproximação e compreensão do universo dos educandos: quem são, como vivem, como aprendem, como os espaços de aprendizagem estão organizados e como forjam uma identidade de grupo. Nesse sentido, alguns aspectos, entre outros, ganham centralidade nas atividades iniciais dos(as) educadores(as): a história de vida dos(as) educandos(as), a realização do diagnóstico inicial da leitura, escrita e matemática e a pesquisa sobre a realidade da comunidade em que estão inseridos(as).

A seguir, veremos como esses aspectos são abordados nos cotidianos e nas práticas pedagógicas dos(as) educadores(as) do MOVA-Brasil.

2.1. História de vida

Trabalhar em sala de aula com a *história de vida* permite ao(à) educando(a) uma reflexão sobre a própria identidade e seu papel como sujeito histórico legítimo, capaz de intervir na realidade que os cerca, contrapondo-se à visão de mundo fatalista que, na maioria das vezes, a sociedade imprime, como fica claro nos depoimentos que citaremos a seguir:

Quando eu era pequena eu tinha oito irmãos, meu pai disse: "Quatro vai estudar e quatro vai para a Roça." Eu era uma das quatro que ia para a roça, meus quatro irmãos iam para a escola e eu ia para a roça, mas com tanta vontade de estudar, eu chorava, chorava muito, aí eu dizia a meu pai que no outro dia eu ia, ele dizia assim: "Não vai não Doralice, deixe de sê avexada, você vai pra roça com seus outros três irmãos". Aí eu chorava e ficava o dia todo na roça. A formiga terminou mordendo minha infância, ela não foi boa não; quando eu fiquei adulta, o meu pai me botou na escola, lá no sítio; quando eu comecei a conhecer as letras, a escola terminou. Aí me casei e fui cuidar da casa e do roçado, minha luta triplicou, aí todo ano era um menino, tive dez filhos, hoje meus filhos são grandes, donos do próprio nariz. Resolvi a voltar estudar no Mova, já escrevo meu nome, conheço as letras e hoje sou feliz.

(A partir da proposta: *Conte sua história de vida, desde a sua infância*. Educanda Doralice Emídia da Silva, 47 anos, Sítio Olho d'Água, Passira, PE)

A história de vida é uma ferramenta extremamente valiosa quando se trata de analisar a intersecção entre a vida do sujeito e o contexto social onde ele está inserido. A partir da história de vida, é possível retomar o passado, olhar o presente com visão crítica no sentido de dar novo significado a sua história.

(Maria Vilacir Catunda Magalhães, Coordenadora do polo-Ceará).

Os(as) educadores(as) do Projeto MOVA-Brasil têm desenvolvido muitas experiências significativas de valorização e compartilhamento da história de vida de todos os(as) envolvidos(as) no processo ensino-aprendizagem.

As atividades de compartilhamento de experiências visam conhecer melhor cada educando(a) e a história que cada um traz dentro de si. Um fator muito importante, ao se trabalhar a história de vida dos(as) educandos(as), é o desenvolvimento dessas informações em sala de aula, trabalho este, tanto relacionado à escrita, leitura e matemática, como à quebra de preconceitos e superação de barreiras. Assim, busca-se despertar no(a) educando(a) a liberdade de expressão, o direito de compartilhar algo que não tinham a oportunidade de fazer. Dessa forma, eles(as) sentem que são sujeitos importantes que podem contar sua história e também se identificar na voz do(a) outro(a).

A seguir, apresentaremos o desenvolvimento de trabalhos que priorizam a história de vida do(a) educando(a) e possíveis desdobramentos destas atividades em sala de aula.

2.1.1. Relatos de atividades

Recorte da história de vida de alguém importante para o grupo

As educadoras fizeram um recorte da história de vida de Paulo Freire (utilizaram o CD

Andarilho da Utopia[2]) e contaram para os(as) educandos(as) em sala de aula. Depois, elas contaram sua própria história para que os(as) educandos(as) se sentissem à vontade e iniciassem suas histórias. Formaram-se duplas para que cada educando contasse sua história para o outro. Em seguida, foi distribuída uma folha de papel em branco para que os(as) educandos(as) registrassem suas histórias de vida. Eles poderiam escrever ou desenhar. Por fim, fez-se a socialização das produções: a educadora destacou que, no início da socialização, houve um pouco de resistência por parte de alguns(mas) educandos(as), mas estes(as) logo se sentiram à vontade para compartilhar as experiências.

Cada pessoa, uma história... e a identificação com a história do outro

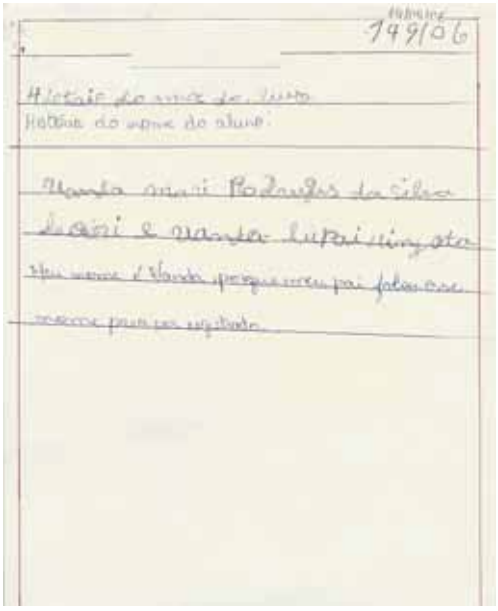
No primeiro momento, o(a) educador(a) compartilha sua experiência no processo de alfabetização, destacando a importância do estudar, relatando as dificuldades que passaram em todo percurso escolar até completar o Ensino Médio. Quando os(as) educandos(as) ouvem a experiência do(a) educador(a), há uma maior identificação, então eles se sentem à vontade para também relatar a experiência na escola e o porquê de não terem continuado os estudos. O passo seguinte é convidar o(a) educando(a) a expressar, a seu modo, os processos de aprendizagem pelos quais já passaram. Eles se manifestam através de: desenhos, recorte e colagem ou pequenos textos. Depois de desenvolver os itens anteriores, é importante expor e valorizar as produções feitas pelos(as) educandos(as). Isto pode ser feito através de uma exposição dos trabalhos realizados, convidando-os a observar atentamente tudo que construíram.

História do nome

Inicialmente, o(a) educador(a) apresenta o próprio nome, em um mural, depois faz a relação entre o nome e sobrenome dele e dos seus pais. Em seguida, o(a) educador(a) entrega uma ficha como o nome e sobrenome dos(as) educandos(as) e pede que eles coloquem a ficha no mural e contem o porquê dos nomes e sobrenomes. Depois é possível abordar assuntos como:

2 O especial *Paulo Freire, Andarilho da Utopia* tem a locução de André Barbosa e Telma Feher e foi desenvolvido em parceria com a Criar – Assessoria de Comunicação de São Paulo, com o apoio da Universidade de São Paulo e do Instituto Paulo Freire, entre outras instituições. Este foi o primeiro projeto em regime de coprodução que a Radio Nederland realizou com uma instituição brasileira e foi lançado em 1999. Disponível em: <http://www.rnw.nl/portugues/radioprogramme/paulo-freire-o-andarilho-da-utopia>. Acesso em: 12 nov. 2010.

ordem alfabética, nomes compostos, escrita de um nome a partir de outro, seja pela letra inicial, final ou parte do nome.



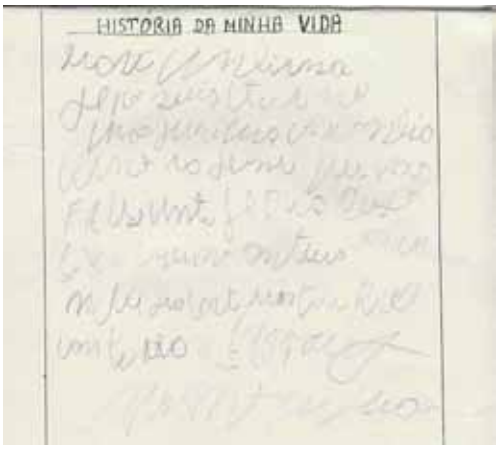
Atividade de educando sobre história do nome

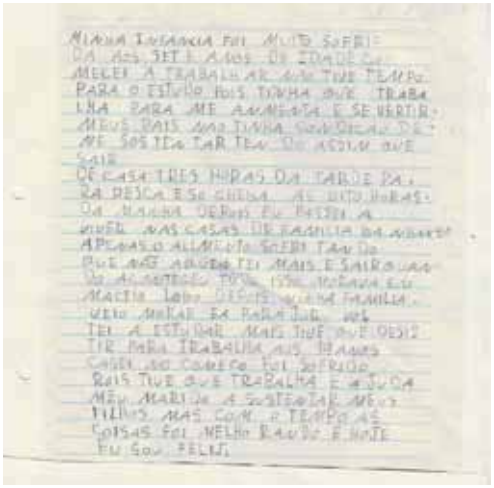
A origem do nome

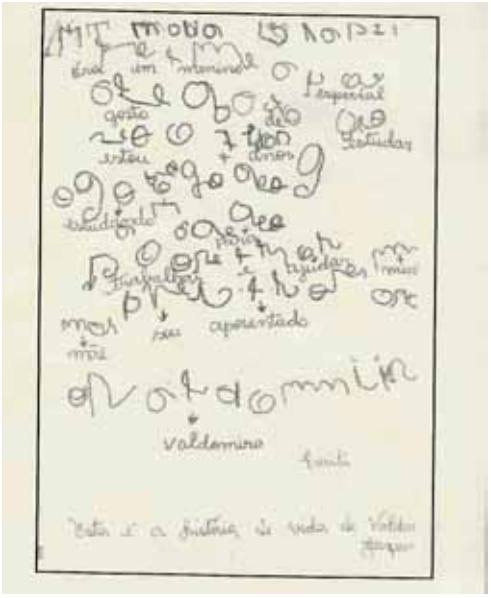
Nesta atividade, o(a) educador(a) provoca a turma no sentido de cada um contar a origem do próprio nome e depois tentar escrevê-los. Em seguida, o(a) educador(a) trabalha o reconhecimento das letras, mostrando a possibilidade de se escrever outros nomes a partir do nome deles. A partir do nome dos(as) educandos(as), discutem-se características das comunidades dos(as) educandos(as): a cultura local, a religiosidade (como escolha de nomes de Santos para eles ou para os filhos, por devoção ou promessa). Uma possível conclusão para esta atividade é a discussão sobre a importância do registro de nascimento para existir como cidadão, possuir deveres e ter direitos a serviços públicos.

Memória e oralidade

No trabalho com memória, o educador pode utilizar um texto para reflexão antes de trabalhar com as memórias do(a) educando(a). Como exemplo, já foi utilizado o livro "Guilherme Augusto de Araújo Fernandes" – autoria de Men Fox. Os(As) educandos(as), orientados previamente pelo(a) educador(a), trazem para sala de aula objetos que os façam recordar a infância. Depois de falarem sobre os objetos, os(as) educandos(as) socializam as estórias que trazem em suas memórias. Depois que os(as) educandos(as) revivem suas memórias, o(a) educador(a) pode solicitar que eles escrevem ou representem, em forma de desenhos, os fatos que narraram. Em algumas turmas onde foi realizada esta atividade, depois de ouvirem a história de Guilherme Augusto, os(as) educandos(as) confeccionaram brinquedos do tempo em que eram crianças e fizeram uma exposição para, a partir daí, escreverem a sua história de vida.







Produções dos educandos sobre história de vida – diferentes níveis de escrita.

2.2. O perfil dos sujeitos do processo de alfabetização

Objetivando conhecer melhor os(as) educandos(as) que compõem o projeto MOVA-Brasil, o processo de levantamento dos dados do perfil deles(as) é realizado da forma mais interativa possível. Não é um mero momento de preenchimento de fichas, e sim, a realização de atividades, dando sentido à construção do fazer pedagógico, trabalhando em sala com as informações contidas nos perfis de maneira variada.

A seguir, algumas atividades realizadas durante o levantamento do perfil dos(as) educandos(as), desenvolvidas em fases anteriores, por educadores(as) do Projeto MOVA-Brasil.

2.2.1. Relatos de atividades

O que é perfil?

Iniciou-se a aula explicando o que significava a palavra perfil e o trabalho que iria ser feito. Constatou-se que a grande maioria não sabia a diferença entre casado e junto, quando se tratava de direitos, pensão etc. Abriu-se um parêntese no trabalho com o perfil e foram respondidas as perguntas

que o tema gerou. No item "situação do trabalhador", foi explicado o que é trabalho formal e informal e associativismo. Explicou-se cada item, esclarecendo as dúvidas e questionamentos feitos pelos(as) educandos(as), para que o perfil fosse feito de forma consciente e o resultado verdadeiro.

Questionário individual

Distribuiu-se uma cópia do quadro para cada educando(a), solicitando que eles lessem e tentassem responder o questionário individualmente. Essa atividade possibilitou fazer o diagnóstico inicial da leitura. Os que não conseguiram, tiveram acompanhamento para que pudessem responder o questionário, posteriormente.

A construção do perfil da turma

Foi pedido aos(às) educandos(as) que escrevessem numa folha, dados como: nome, sexo, cor, idade, tempo de escolaridade, estado civil, profissão e se possuíam registro na carteira de trabalho. Os itens citados foram expostos no quadro e cada item do perfil era questionado e respondido pelos educandos(as) oralmente. Os(As) educandos(as) auxiliaram na contagem dos itens e dessa forma concluiu-se a construção do perfil da turma em três aulas.

Produção de uma educanda sobre perfil.

Preenchendo o quadro do perfil da turma

Foram riscados com giz, quadros no chão e usadas fichas com as palavras do quadro do perfil (feminino, masculino, etnia, profissão, escolaridade etc.). De acordo com o que pediam os quadros, os(as) educandos(as) que se encaixavam iam se colocando dentro. Desse modo, eles(as) identificaram a quantidade e encontraram o número correspondente. No final, foi feita a soma para verificar se os números encontrados batiam com a quantidade do total de educandos(as) e assim foram preenchidos todos os itens do quadro.

Consciência negra

A partir da construção e análise do quadro do perfil, percebeu-se que a turma tinha muita dificuldade em assumir sua cor, que, no caso, é de maioria negra. Por isso, foram realizadas várias leituras e discussões sobre essa temática. E aproveitando o dia 20 de novembro, foi colocada a questão através da atividade: *"Consciência negra, o que você pensa sobre isso?"*

Atuação nos movimentos sociais e partidos políticos

Em algumas turmas, durante a construção do perfil, houve muita inquietação por parte dos(as) educandos(as) quando questionados(as) sobre atuação nos movimentos sociais e partidos políticos. Após muita discussão sobre a importância de se falar a respeito daqueles itens, eles(as) entenderam que o Projeto Mova precisava daqueles dados; então, foram respondendo. Nesse momento, muitos relataram histórias ocorridas na época da ditadura militar, fatos que tinham acontecido com eles(as), com familiares ou amigos(as). Isto proporcionou uma aula muito rica com diversos conteúdos. Nesse momento, os(as) educandos(as) também perceberam que, refletindo sobre o contexto atual ou passado, adquirimos novos conhecimentos.

O novo código civil

Uma atividade muito relevante que surgiu a partir da construção do perfil da turma, foi a realização de discussões sobre o novo código civil, por haver divergências entre os(as) educandos(as) sobre "o que define ser casado(a)". A partir dos dados levantados nos perfis, mobilizou-se, inclusive, para a aquisição de documentos. Vale ressaltar que o quadro com os dados do perfil deve ser afixado na sala de aula e é importante mantê-lo sempre atualizado.

A construção do perfil e o diagnóstico de matemática

O perfil foi o primeiro contato dos(as) educandos(as) com a matemática dentro da sala de aula. Os(As) educadores(as) aproveitaram a utilização dos números e fizeram as primeiras observações para o diagnóstico da matemática. Uma das dificuldades encontradas pelos(as) educadores(as) para construir o perfil foi a rotatividade dos(as) educandos(as), pois nem sempre todos(as) estavam presentes. Assim, sempre que chegava um(a) educando(a) que havia faltado, era necessário acrescentar seus dados ao perfil em construção.

Contagem para preencher o quadro do perfil

Foram propostos aos(às) educandos(as) exercícios de comparação das quantidades entre homens e mulheres, estado civil e experiência trabalhista. Como apareceram muitas profissões na sala, foi feita uma atividade de construção de uma lista das profissões, depois foi solicitado que eles(as) ordenassem as profissões pelo número de educandos(as), depois foi elaborado um gráfico.

Elaboração de gráfico

Foi feito um gráfico, utilizando papel pardo. As perguntas eram correspondentes ao quadro para se obter o perfil da turma. Assim, o gráfico destacou: idade, sexo, etnia, estado civil, escolaridade, situação do(a) educando(a), documentação pessoal, situação do trabalhador, profissão e participação social. Foi possível trabalhar subtração, usando os dados do ano atual e do ano de nascimento para calcular a idade do(a) educando(a). Depois, discutiram sobre os conceitos de terceira idade, adulto e juventude. E ainda, realizou-se uma atividade com o mapa, localizando as regiões onde os(as) educandos(as) nasceram.

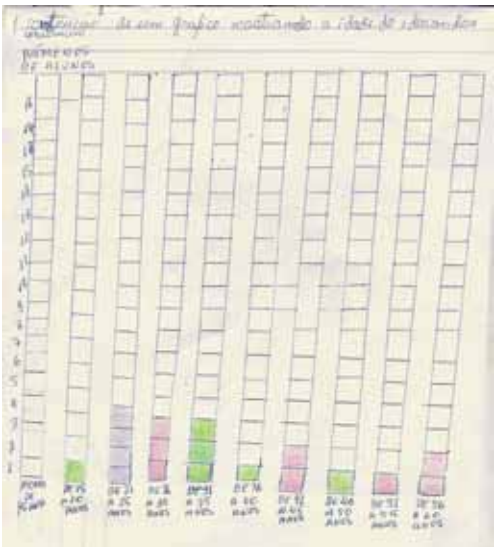


Gráfico sobre perfil da turma construído pelos educandos.

2.3. Local onde desenvolvem o trabalho

Um outro aspecto relevante é o ambiente físico que funciona como sala de aula. Este necessita ser agradável e ter estrutura adequada para o funcionamento. Por isso é necessário, ao construir o perfil da turma, levar-se em consideração, também, a infraestrutura da sala de aula, sua localização geográfica, o tipo do ambiente, a situação da sala e o deslocamento dos(as) educandos(as) e educadores(as) de casa para a sala de alfabetização. Sendo uma das atividades realizadas bem no início do projeto, contribui para a socialização dos(as) educandos(as) e educadores(as), bem como ajuda a conhecer a realidade na qual estão inseridos(as) os(as)

educandos(as), fornecendo diversos conteúdos para as aulas. Fazendo o levantamento da infraestrutura, podemos ainda constatar fragilidades e potencialidades da localidade. Conhece-se o ambiente que se trabalhará, tanto interno quanto externo, de acordo com a visão dos(as) educandos(as). Além de aproximar o(a) educador(a) da realidade espacial dos(as) educandos(as), o põe em contato com o(a) parceiro(a) local a fim de melhor utilizar o ambiente onde funcionará sua sala de aula. Pode-se desenvolver, paralelamente, atividades situadas na área de ensino da Geografia (o espaço), da Matemática (medidas, cálculos), da História (as transformações no decorrer do tempo). Temos também elementos para o diagnóstico inicial da leitura e da escrita, bem como podemos oportunizar os primeiros debates e a leitura de mundo. Vejamos, a seguir, alguns relatos de atividades desenvolvidas no processo de construção do perfil da turma, realizadas em fases anteriores, por educadores(as) do Projeto MOVA-Brasil.

2.3.1. Relatos de atividades

O espaço da sala de aula

A atividade proporcionou o desenvolvimento matemático com registro no quadro pelos(as) próprios(as) educandos(as), leitura dos tópicos apresentados e resolução de problemas. Ex.: na sala de aula existem dez cadeiras ocupadas e vinte desocupadas. Quantas cadeiras existem na sala de aula? Os(As) educandos(as) somaram através das suas próprias hipóteses e chegaram à solução.

Medidas

Atividade escrita utilizando passos, palmos, fitas métricas e trenas, na qual os(as) educandos(as) que trabalhavam como pedreiros ajudaram, ensinaram e se sentiram valorizados e orgulhosos. Como resultado das atividades desenvolvidas, eles entenderam a importância das medidas oficiais.

Cooperativa de materiais recicláveis Polo SP.

Calculando o trajeto de casa para a escola

Quando foram medir a distância percorrida da rua de suas casas para a sala de aula, a educadora teve dificuldades, mas foi ajudada por um educando, catador de materiais recicláveis, que teve a ideia de contar os postes, que possuem uma distância de 50 metros entre um e outro.

Medindo a sala de aula

Realizou-se a medição da sala de aula e do quadro de giz, de várias maneiras: Foi solicitado a um educando para vir até o quadro, encostar e com um cordão, foi medida a sua altura, iniciando a ideia de medição, fazendo primeiro, com a altura dos(as) mesmos(as). Foi medida a sala de aula e o quadro de giz com passos, palmos e trena. Enquanto um(a) educando(a) media a sala de aula com passos, outro(a) educando(a) media com palmos na parede. Escreveram no quadro e passaram para o papel as medidas que encontraram. Os resultados foram lidos e descobriu-se que, ao medirmos com palmos, o resultado é maior do que com passos. Foi explicado que o metro é a unidade principal das medidas de comprimento e que seu símbolo é o "m".

2.4. Identidade do grupo (turma e/ou núcleo)

> Somos 13 mulheres, com perfis extremamente diferentes que ao nos encontrarmos no Projeto MOVA, formamos um grupo que ri, chora, se emociona, se chateia, come, discute e constrói conhecimento junto; que não tem receio de expor visões e conceitos e, também, a mudança destes; que se deu conta que cada uma cresce, amadurece e contribui para o aprendizado do grupo a partir de seus posicionamentos.
>
> (Núcleo Duque de Caxias, RJ – coordenadora Geane Campos)

A subjetividade tem assumido uma importância cada vez maior na formação, deixando de ser apenas um tema entre outros, para se tornar um *enfoque permanente*. Desenvolver um processo de formação com um determinado grupo implicará, concretamente, na recuperação histórica das pessoas e do coletivo, fazendo emergir desejos e múltiplos aspectos da identidade de cada um e do grupo como um todo. Implicará em contribuir com o desenvolvimento de todas as dimensões da vida dos sujeitos, sem reduzi-las à dimensão intelectual ou socioeconômica. Para isso, é imprescindível o uso das mais variadas formas de linguagem, que possam corresponder às diversas e inseparáveis dimensões da pessoa. Daí a importância da introdução da dança, da música, da poesia, da pintura, do trabalho de corpo etc.

A tentativa de construção da identidade dos sujeitos se articula com a perspectiva de se educar para as diferenças, levando em conta as questões de gênero, raça e etnia, e não apenas de classe. Tais questões assumem um peso sempre maior, na medida em que não está em jogo apenas a formação do trabalhador, mas do homem e da mulher, relacionados com a construção do sonho de uma sociedade nova.

A construção da identidade do grupo intensifica-se entre educandos(as) e educadores a partir de estratégias para a realização do estudo da realidade em vários momentos. São eles:

- construção do perfil dos(as) educandos(as) e educadores(as) – idade, estado civil, raça, preferência política e religiosa etc. – e da infraestrutura, fazendo a análise desses dados e refletindo sobre eles;
- conversa informal com os(as) educandos(as), quando os(as) educadores(as) registram suas dificuldades e conquistas, assim como seus sonhos e anseios;
- conversa com moradores(as) mais antigos(as) da comunidade;
- pesquisa feita em internet, livros e IBGE sobre o município;
- pesquisa de campo, que identifica os problemas, potencialidades e as relações sociais, culturais e econômicas da localidade onde o educando reside.

A seguir, são relatados diferentes processos de construção da identidade da turma ou núcleo. Desde sua denominação até sua caracterização mais detalhada, os aspectos vão se complementando e se atualizando durante todo o desenvolvimento do trabalho.

2.4.1. Relatos de atividades

A identidade do núcleo

Partindo das informações dos(as) educandos(as) e educadores(as), foi construída a identidade do núcleo, sistematizando seus aspectos socioculturais. Utilizou-se, como base para elaboração da identidade do grupo, a dinâmica dos bonecos, os resultados da pesquisa e as reflexões feitas durante o estudo da realidade.

A pesquisa de campo

A partir da pesquisa de campo foi possível identificar a principal fonte de economia, a organização social e religiosa, a participação social dos(as) educandos(as), as principais manifestações culturais. A experiência e o conhecimento de vida detectado nestes momentos

servem como alicerce e instrumentos construtivos de alternativas na busca de alteração da realidade local. O(A) educador(a) é parte fundamental, como sensibilizador, neste processo de mudança que pode alterar a identidade do grupo sentida inicialmente**.** Houve núcleos que destacaram características regionais para compor a identidade cultural:

Cirandeiros em ação

O nome surgiu a partir de uma pesquisa sobre a cultura de cada município, partindo da proposição das danças populares, destacando a Ciranda como muito influente no núcleo:

CIRANDEIROS EM AÇÃO
Um outro mundo é possível
Unindo as mãos
Transformaremos essa nação
Essa ciranda
Não é minha não
Ela é de todos nós
Ela é de todos nós.

Mangue Beat

Esse nome foi dado pela localização dos rios que cortam as cidades interferindo no dia a dia da população local. Todos os municípios que compõem o núcleo localizam-se geograficamente perto de manguezais, considerado um ponto de intersecção entre eles, influindo de forma decisiva, sendo em muitos casos a única fonte de renda e sobrevivência da comunidade.

Recicla vidas

Surgiu pelo grande número de educandos(as) que são catadores, que buscam a sobrevivência na reciclagem e encontram no Mova o despertar pela vida; desta forma, surgiu esse slogan.

RECICLA VIDAS
Ação, reflexão, ação.
Penso, logo existo.
Penso, ajo, logo existo.
Construo, desconstruo, construo.
Crio, cato e reciclo, crio.

Garis do Mar

Por encontrar-se localizado no litoral, considerado grande gerador de renda e sustentação familiar, o núcleo acredita que, através da preservação, conservação e turismo, é que se poderão manter as belezas naturais do local.

GARIS DO MAR
Jangadas ao mar
Redes a lançar
Somos de Pernambuco
Somos jangadeiros da educação.

Agreste Multicultural

O núcleo está situado no Agreste Central, marcado pela prática agrícola, mas que também tem o privilégio de desfrutar de uma riqueza natural onde o turismo é uma forte fonte de renda.

AGRESTE MULTICULTURAL
Chapéu de palha, sim, senhor.
Sol forte, trabalhador de fibra.
Belezas às mil
Venha conhecer
E se encantar
Tradição secular
Beleza milenar
Vem pra cá
Garanto, sim, senhor, não querer voltar.

Movendo Arte

Porque as cidades localizadas na região do agreste trabalham com reciclagem, bordados manuais, pinturas em tela, enfim, todo o artesanato, este nome originou-se devido ao grande número de educandos(as) que sobrevivem do artesanato (bordados manuais).

MOVENDO ARTE
Dona Maria,
Seu José,
Dona Severina,
Seu Sebastião,
Nossa!
Que admiração
Toda essa gente
Bordando timão
Não se admire não
São bordados
E são cabras pra lá de machos.

Usina MOVA-Brasil

Pelo fato da mata norte ser caracterizada pela economia gerada com a cana-de-açúcar, a identificação deste núcleo busca evidenciar a predominância das usinas de cana-de-açúcar na região, sendo esta a atividade que mais emprega.

Unidos com a	**M**obilizando	**B**eneficiando
Solidariedade	**O**rganizando	**R**espeitando
Igualdade para um	**V**alorizando	**A**ssumindo propósitos
Novo	**A**colhendo	**S**ociais
Alvorecer		**I**ncluindo
		Luz para todos

Forró Mova

Por ser um núcleo muito disperso geograficamente, o ponto em comum entre eles é o ritmo nordestino – o forró.

FORRÓ MOVA
Tá danado de bom
Tá danado de bom, meu compadre.
Tá danado
Tá danado, o que Cláudia?
Tá cada vez mais arretado de bom
De Lagoa de Itaenga a Santa Cruz do Capibaribe
O MOVA é o melhor
É o melhor.

Morada do Sol

Assim denominado, por ser localizado no sertão paraibano com clima quente e seco.

MORADA DO SOL
Namorada do Sol
O MOVA chegou
Abrindo caminho
Educação melhorou
Com o método freireano
Motivou os educandos
Trabalhando a realidade
No seu cotidiano
O Projeto MOVA-Brasil
A nossa cidade mudou
Formando educadores
Que trabalham com amor.

2.5. Primeira aproximação da realidade dos(as) educandos(as)

> Ao iniciar a aula o educador apresentou aos educandos um livro feito de folhas de papel em branco, explicou o significado daquele livro em branco e deixou os educandos livres para falarem suas expressões sobre o que eles achavam que ia ser criado a partir dali... À medida que foram desenvolvendo as atividades eles começaram a compreender o sentido do livro em branco e foram despertando para a nova metodologia do projeto.
>
> (Monitora Ângela de Merícia Santos Sousa – Núcleo Paramotí, CE)

Este tópico constitui parte importante do estudo da realidade para o levantamento das situações significativas e tema gerador, isto é, *ler o mundo* na perspectiva de vincular a construção do conhecimento à realidade local e global em que vivem os(as) educandos(as), pois o conhecimento historicamente acumulado deve estar a serviço dos seres humanos e da transformação de toda a sociedade e da construção de um planeta sustentável.

Assim, ler o mundo significa mergulhar criticamente no cotidiano da comunidade, conhecendo seus problemas, dúvidas, contradições, anseios, necessidades e levantar situações significativas da comunidade pesquisada.

Neste sentido, as situações significativas são situações vivenciadas fortemente pela comunidade a ponto de condicionarem a organização de seu cotidiano. Elas possibilitam que os(as) educandos(as) e as pessoas da comunidade se reconheçam nela.

Como reconhecer as situações significativas?

A partir de diferentes visões, percepções, anseios que os diversos segmentos da comunidade, inclusive os(as) educandos(as) têm do seu cotidiano.

- Da inter-relação dos dados, das informações e das impressões coletadas, que permite uma configuração da realidade estudada, quer em sua dimensão pessoal (como as pessoas lidam e percebem as situações e como vivem), quer em sua dimensão social (como as situações se evidenciam na localidade).
- Na atitude de estranhamento (transformar o conhecido, o familiar em *estranho*).
- Considerando os conteúdos não manifestos (mensagens implícitas, intencionais, verbais e não verbais, alternativas ou

contraditórias, presentes nos depoimentos da comunidade).

Portanto, a relação entre a parte e o todo social: o estudo da realidade local e da comunidade não pode estar desvinculado das determinações sociais mais amplas. O que é necessário, em síntese, é tentar transcender o nível micro, acompanhando os diversos *fios* que vinculam às estruturas macrossociais.

Das situações significativas à escolha dos temas geradores

O tema gerador sugere assuntos ou motivos que levam a criação, a produção, ao desenvolvimento: Que tema? Que gera o quê? Como gera?

Como identificamos um tema gerador?

O tema gerador permeia todas as situações significativas. Neste sentido, precisa-se verificar o denominador que perpassa as situações significativas.
O tema gerador gera uma demanda de conhecimentos, interdisciplinarmente sistematizados, desafiando cada área do conhecimento a propostas de conteúdo que permitirão e contribuirão para uma leitura crítica da realidade.

Procedimentos para a elaboração do planejamento

- Problematizar os temas geradores – retomar as situações significativas, explicitando, localizando/ dimensionando o tema gerador proposto.
- Evidenciar uma rede de relações que expressa contradições que apontam para uma compreensão mais aprofundada e abrangente das mesmas.
- Elaborar questões geradoras – levantar questões, explicitando para quem e o quê dos múltiplos aspectos que envolvem os temas geradores serão considerados na proposta.

As questões geradoras dão continuidade à problematização dos temas geradores, elas geram os conteúdos que serão trabalhados para desocultar as contradições da realidade implícitas na temática.
Através das questões geradoras serão articulados os conteúdos das várias áreas do conhecimento, para responder à(s) questão(ões) colocada(s).
A seguir, vejamos algumas dinâmicas que podem ser utilizadas para essa primeira aproximação com a realidade dos(as) educandos(as).

2.5.1. Relatos de atividades

Dinâmica dos corpos

- A maioria dos(as) educadores(as), inicialmente, faz levantamentos, dialogando com os(as) educandos(as) sobre as informações que estes já trazem consigo.
- Em seguida, utilizam a *dinâmica dos corpos*, através de desenhos e colagens apontando as suas necessidades de vida ou os pontos positivos e negativos da comunidade.
- Depois de uma conversa informal com os(as) educandos(as) sobre a realidade vivida por eles na sua comunidade, solicita-se que reflitam sobre as principais necessidades, dificuldades enfrentadas considerando os aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais. E que observem também as potencialidades da comunidade.
- Divide-se a turma em grupos de cinco pessoas e cada grupo recebe papel metro, pincel atômico, jornais e revistas.
- Em seguida, em cada grupo, um dos colegas deita sobre o papel metro para fazer a silhueta do seu corpo. Feito isso, eles procuram nos jornais e revistas imagens que representem as dificuldades e potencialidades discutidas anteriormente.
- Depois de recortarem as imagens, faz-se uma colagem dessas figuras na silhueta feita no papel metro, representando assim, a realidade vivida por eles na sua comunidade.
- Cada grupo apresenta para a classe o resultado da atividade.

Painel resultante da dinâmica do corpo.

Dinâmica da árvore

Em rodas de conversa discute-se sobre os avanços e dificuldades existentes na comunidade. O(A) educador(a) desenha duas árvores em papéis pardos

distintos e pede aos(às) educandos(as) que recortem figuras relacionadas com a temática e depois, que colem essas figuras nas árvores, indicando pontos negativos e positivos.

Conversa com o morador mais antigo do lugar

A turma convida o(a) morador(a) mais antigo da comunidade para dar depoimento sobre a origem da comunidade, do nome, como era e o que mudou com o passar do tempo.
Depois da conversa, os(as) educandos(as) representam, a partir de desenhos a sua comunidade antes e atualmente, observando o seguinte: divide-se a sala em três grupos; um apresenta a comunidade de antes, outro apresenta a comunidade atualmente e um outro apresenta a comunidade que eles querem construir. Os grupos apresentam através de dramatização. Os que estavam assistindo complementam dizendo o que o grupo havia esquecido e monta-se uma lista.
Esta atividade leva os(as) educandos(as) a refletirem sobre suas comunidades e a perceberem que podem interferir nesta história, mudando a realidade.

2.6. Levantamento da situação sociopolítica, econômica, ecológica e cultural dos(as) educandos(as) e comunidades

O(A) educando(a), a partir do momento em que reflete sobre as maneiras como se relaciona com a sua comunidade, deixa de enxergar a sociedade como algo abstraído da história e de si mesmo. Passa a pensar a si e a comunidade em uma dinâmica histórico-cultural, percebendo possibilidades de transformação a de ação cidadã.
Da mesma forma, os educadores ao realizar um trabalho pedagógico de forma contextualizada, atribui também um real significado à aprendizagem. Pois se parte da valorização dos saberes, cultura e valores já construídos, buscando mais informações, de maneira concreta, ou seja, a partir de situações do cotidiano das vidas das pessoas, o que torna o ato educativo prazeroso e com sentido. Concordando com Arroyo (2000), é nas relações sociais que os sujeitos se constroem, reconstroem e constituem suas identidades e seus valores.

2.6.1. Orientação para pesquisa na comunidade

As metodologias utilizadas para fazer o estudo da realidade se dão de modo diversificado, como a realização de entrevistas, conversas em sala de aula com pessoas da comunidade, construção de mapas e maquetes, exibição de filmes, visitas a acervos culturais, passeio pela comunidade com registros fotográficos, pesquisa de campo, construção de documentos escritos, o que contribui bastante para enriquecer as informações, bem como deixar educandos e educadores estimulados a irem em busca de mais informações sobre a própria realidade, até então vista de maneira individual. A partir destas atividades, pode-se perceber que o diálogo entre as pessoas contribui para a percepção de muitos fatos que até então passavam despercebidos à comunidade.

Uma das formas de levar o(a) educando(a) a conhecer ou até mesmo reconhecer a sua realidade local é a pesquisa de campo que nos dá fundamentos para o Projeto Político-Pedagógico.

O roteiro para a pesquisa deve ser elaborado a partir da primeira aproximação da realidade e deve contemplar as especificidades da turma. A coleta, organização e análise dos dados deverão permitir o levantamento das situações significativas. Para isso, alguns elementos são necessários:

- elaboração do roteiro para pesquisa;
- levantamento dos dados;
- organização dos dados da pesquisa;
- análise dos dados.

Coletar o quê?

Em relação à comunidade:

- urbanização (processo de interferência da industrialização);
- interesses, expectativas, relações com *a escola*;
- saúde (água tratada, alimentação, esgoto);
- moradia (características);
- aspectos físicos (topográfico/geográfico);
- movimentos sociais/lideranças – histórico da comunidade;
- nível socioeconômico da população (trabalho, escolaridade, salário);
- cultura/arte;
- valores/religiosidade/questão de gênero/etnia/orientação sexual;
- tempo livre – lazer.

Onde coletar?

Comunidade local e em outras fontes: administração regional,

museus, bibliotecas, núcleos regionais de planejamento, IBGE, movimentos sociais.

Como coletar?

Através de conversas informais, entrevistas e questionários; documentos, registros que representem a história local (cartazes, folhetins, notícias em jornais, diários etc.); vídeos, fotografias, desenhos; peças de teatro, registros de festas populares; relato de um dia de trabalho; histórias de vida; depoimentos de histórias de moradores da região; memórias da origem da família (costumes, valores...); entrevistas sobre um mesmo tema entre diferentes segmentos sociais; dinâmica de grupo em que cada um se coloca no papel do outro; exibição de filmes, com debates na sequência; outros levantamentos que julguem interessante para estudo e problematização; utilização de gráficos, tabelas; cruzamento entre as problematizações dos diferentes grupos.

Quem deve coletar?

Os(As) educadores(as) e educandos(as) e sempre que possível, estabelecer parceria com universidades, associações de moradores e moradoras e outras instituições que possam contribuir na leitura da realidade.

O que fazer com os dados coletados?

- Sistematização e síntese: este estudo será registrado, arquivado, organizado, em sua síntese, sob a forma de um dossiê.
- Dossiê: somatória de todo tipo de registro dos dados, informações e impressões registradas – álbuns de fotografias, livros de recortes de jornais, vídeos, registros de gráficos, depoimentos, síntese de discussões etc. Esse dossiê estará sempre aberto a novos registros, a novas análises resultantes dessa ação pedagógica contínua de manter vivo este documento.

2.6.2. Relatos de atividades

Elaboração do roteiro para pesquisa

A elaboração do roteiro da pesquisa aconteceu de acordo com a realidade das turmas, sendo assim, fez-se uma distinção entre as turmas da zona rural, da zona urbana e também do sistema penitenciário, pois, partindo da primeira aproximação da realidade, percebe-se que as turmas são iguais em alguns aspectos, mas há particularidades que devem ser respeitadas.

A seguir, apresentaremos exemplos de algumas atividades que foram desenvolvidas:

Levantamento e organização dos dados da pesquisa

Após o levantamento de pontos positivos e negativos, os(as) educandos(as) vão a campo para checar os dados construídos em sala, registrando em fotografias, que depois retomam, juntamente com discussões e palestras sobre a infraestrutura, saúde, cultura e educação naquela comunidade.

Encontrando o tema gerador

Os(as) educadores(as) e os(as) educandos(as) decidiram realizar conversas informais junto aos(às) moradores(as) da comunidade a respeito das dificuldades que estavam enfrentando; assim, coletaram dados que foram transcritos para o quadro de giz. Em seguida, realizaram-se novas discussões para que os(as) educandos(as) percebessem que um só tema gerava todas as outras dificuldades, o que possibilitou encontrar o tema gerador.

Pesquisa com a comunidade I

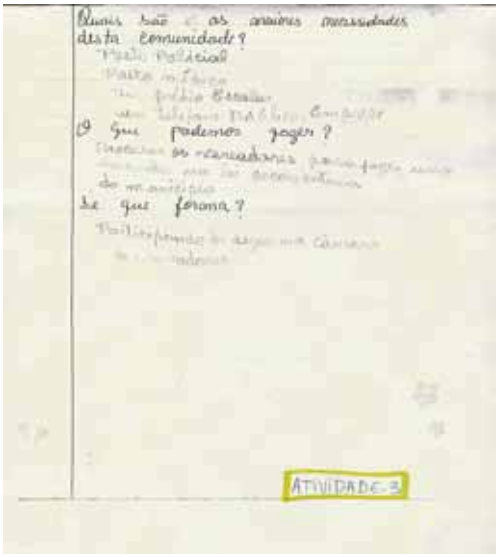
Inicialmente, o levantamento dos dados foi realizado em sala de aula com os(as) educandos(as), que também fizeram esse levantamento em suas casas. Depois, foi realizada uma pesquisa de campo nos bairros e comunidades rurais pelos(as) educadores(as) e educandos(as). Após a visita às casas, todos voltavam à sala de aula para computar os dados coletados naquele dia e refletir sobre o que haviam visto.

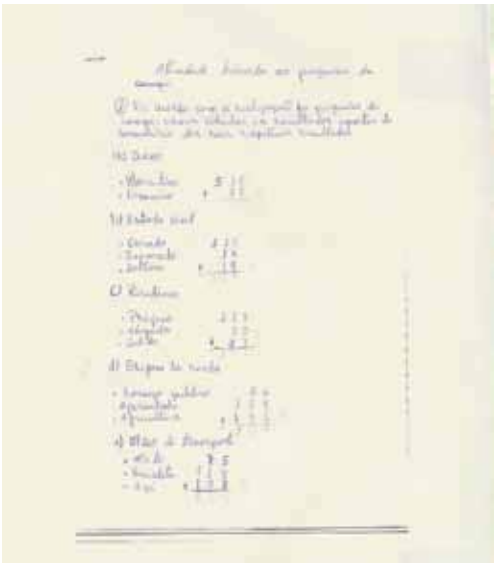
A pesquisa, além de ser uma atividade que levava os(as) educandos(as) a refletirem sobre a leitura de mundo, também serviu para os(as) educadores(as) desenvolverem conteúdos matemáticos e de português, em atividades diversas como construção de frases, soma de dados e reescritas. Assim, foram reunidos primeiro os dados da pesquisa em sala de aula, depois os dados da pesquisa que os(as) educandos(as) fizeram com os seus familiares, logo após, os dados da pesquisa de campo e, por último, todos esses dados, unindo assim três grupos pesquisados.

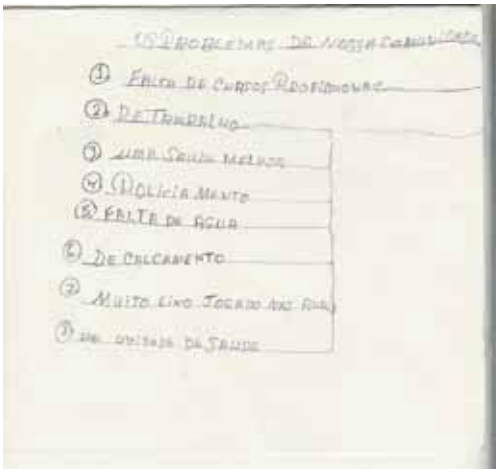
Pesquisa com a comunidade II

O primeiro passo foi situar a todos da proposta do trabalho de campo. Depois de definir as duplas entrevistadoras, a turma definiu as principais ruas do bairro para serem realizadas as entrevistas e em que rua cada

dupla deveria trabalhar. Para facilitar o preenchimento dos questionários, o educador escolheu um educando que já tinha facilidade em escrever e de se comunicar oralmente junto com um que ainda não tinha a mesma habilidade com a escrita e/ou oralidade. Após a realização das entrevistas, cada dupla trouxe os resultados da sua pesquisa. O(A) educador(a) reuniu os resultados das entrevistas e cada dupla foi apresentando os resultados coletados. Depois de fazer o levantamento dos dados, organizou-se um cartaz com o resultado geral das entrevistas feitas.



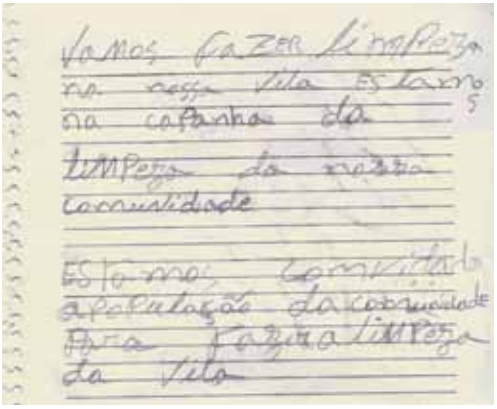


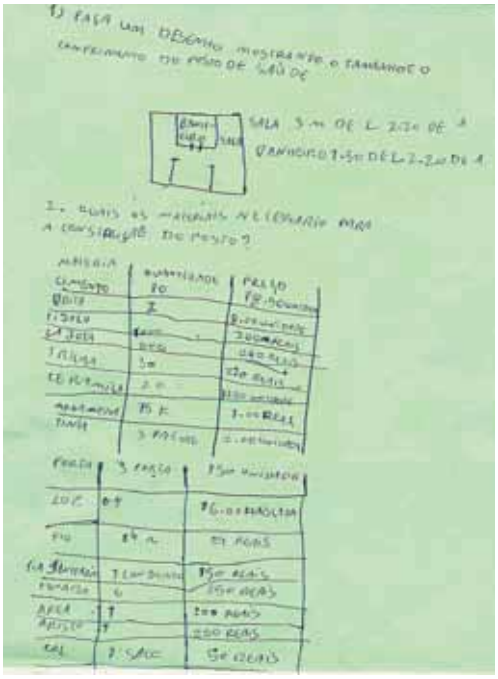


Registro dos educandos do MOVA.

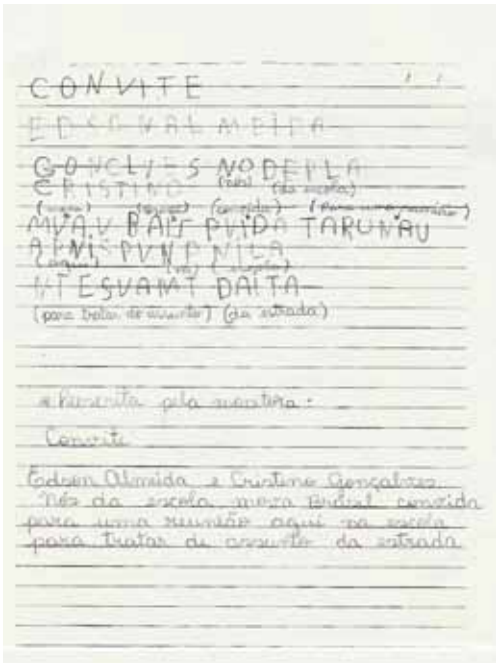
Análise dos dados

Após a realização de entrevistas e visitas na comunidade, os(as) educandos(as) constroem uma produção escrita na qual demonstram como é a vida naquela localidade – o que plantam, o que criam, a vegetação, clima, tipos de solo, número de famílias, de residências, como é a infraestrutura, a origem, os problemas, lazer, educação, os projetos sociais existentes. Então, o(a) educador(a) provoca os(as) educandos(as) para que eles(as) mostrem como percebem a própria realidade, desenhando e/ou escrevendo.





Registro de pesquisa realizada pelos dos educandos do MOVA.



Registro de pesquisa realizada pelos dos educandos do MOVA.

Socialização dos dados com a comunidade

Inicialmente foi feita uma reflexão entre educadores(as) e educandos(as) sobre a realidade local. Construiu-se um texto coletivo, depois a elaboração de um convite à comunidade para

uma reunião na qual seria apresentado o resultado da pesquisa. O texto para o convite foi trabalhado no quadro, com a participação dos(as) educandos(as). A turma foi dividida em grupos e cada grupo ficou encarregado de uma atividade. Assim, um grupo entregaria os convites, outro faria a limpeza do local, outro ficou encarregado de ornamentar o espaço, outro faria a recepção. No dia da reunião, boa parte da comunidade compareceu, então foi apresentado resultado da pesquisa e juntos fizeram uma reflexão sobre a comunidade e pensou-se em quais ações seriam desenvolvidas para transformar a realidade. Foi o primeiro exercício para construção do quadro de ações.

3. Planejamento

O planejamento é o momento de dialogar e colocar no papel as etapas necessárias para a realização da ação/atividade. É o momento de decidir *o que fazer*; que problema solucionar (*porque fazer*); que resultado pretende alcançar (*para que fazer*); metodologia de execução (*como fazer*); o tempo necessário (*quando fazer*); local da realização (*onde fazer*); responsável pela execução (*quem vai fazer*); recursos necessários (*recursos materiais, tecnológicos ou humanos*) e se tem apoio de alguém ou instituições externa ao grupo (*parceiros*).
Não podemos esquecer que o planejamento só termina quando é executado e avaliado se os resultados foram alcançados. No MOVA-Brasil, este processo vem se aperfeiçoando a cada fase.

Hoje, o planejamento estratégico pode ser visto e entendido como uma síntese de todas as atividades a serem desenvolvidas diante do tema escolhido pela turma. A partir do tema gerador, são direcionadas as atividades para o desenvolvimento de subtemas e estabelecidos os objetivos pedagógicos e sociais para que os(as) educandos(as) sejam agentes ativos na mudança de sua realidade. É a base para o plano de aula e para o quadro de mobilização social, sendo que estão interligados e dependem uns dos outros.
O diálogo é parte fundamental neste processo. É feito inicialmente entre o educador e os(as) educandos(as) e, em seguida, com a comunidade, para o

reconhecimento da sua vivência cotidiana, buscando colher informações o mais próximo da realidade na qual a comunidade se encontra. O grupo analisa que alternativa seria viável e se teria condição de executar. É realizado o planejamento e todos os encaminhamentos devem estar bem definidos. Se há insuficiência de recursos, os(as) educadores(as) analisam a possibilidade de implementação de uma ação conjunta entre as turmas.

3.1. Organização do estudo da realidade

Esse momento deve contar com a participação de todos(as) os(as) envolvidos(as) no processo, pois antes de planejá-las, é importante que o grupo tenha uma visão geral do que se pretende a longo prazo.

Além do planejamento geral, enfocando os principais aspectos que se pretende desenvolver, como o estudo da realidade, identificação de situações significativas, levantamento do tema gerador e problematização, os(as) educadores(as) precisam elaborar planos mais detalhados. Como um primeiro momento do(a) educador(a) sistematizar suas intenções educativas, deve enfocar os principais aspectos que pretende desenvolver junto aos(às) educandos(as). A organização das aulas, mediante registro escrito, deve conter basicamente os subtemas que serão desenvolvidos, os objetivos e conteúdos, as atividades/ metodologia, os recursos necessários e as formas de avaliação.

3.1.1. Quadro orientador do planejamento estratégico

O quadro orientador do planejamento é construído em cada turma, seguindo alguns passos: estudo da realidade, identificação das situações significativas (situação atual), chegando aos temas geradores, quando é promovida a problematização e, a partir dela, retirados os subtemas, os objetivos e a situação futura desejada, que dão ao(à) educador(a) subsídios para os planos de aula (ver tabela ao lado).

Situação atual (situações significativas)

Para reconhecer as situações significativas de cada turma, por parte dos(as) educadores(as) e educandos(as), realizaram-se

Situação atual (situações significativas)	Estratégias				Situação futura desejada
	Tema gerador	Problematização	Subtemas	Objetivos	

diálogos, dinâmica dos corpos, pesquisas de campo, entre outras. Diante das situações significativas, os(as) educandos(as), juntamente com os(as) educadores(as) fazem o levantamento das principais necessidades/dificuldades enfrentadas pela comunidade. Entre todas as necessidades identificadas, estabelecem-se as mais significativas, ou seja, é necessário priorizar o que será mais importante para assim, eleger o tema gerador, de forma coletiva.

Tema gerador

Sugere, semanticamente, assuntos ou motivos que levam à criação, à produção, ao desenvolvimento, à fecundação etc. A essa dimensão semântica foi acrescida a dimensão política: que tema? Que gera o quê? Como gera? O tema gerador permeia todas as ações significativas. Gera uma demanda de conhecimentos, interdisciplinarmente sistematizados, desafiando cada área do conhecimento a apresentar propostas de conteúdo que permitirão e contribuirão para uma leitura crítica da realidade.

Problematização

A problematização tem como objetivo fazer com que os(as) educandos(as) questionem a sua realidade identificada na situação atual. Assim, ao realizar a problematização, o(a) educador(a) possibilita também a percepção de que para tudo existe uma causa. A problematização é feita pelos(as) próprios(as) educandos(as), mediados(as) pelos(as) educadores(as).

Subtemas

A partir da problematização e para responder a ela, surgem os subtemas. Os subtemas são temas relacionados ao tema gerador e que objetivam esclarecer a problematização feita. A escolha dos subtemas também é feita pelo(a) educador(a) conjuntamente com os(as) educandos(as). Esse processo é muito importante para que os (as) educandos(as) percebam que eles podem contribuir na sua

comunidade da mesma forma que contribuem na sala de aula.

Objetivos

Para formular os objetivos, deve-se perguntar: O que pretendemos desenvolver, a partir da situação encontrada, para alcançar a situação futura desejada? O que podemos ou queremos fazer diante do problema evidenciado nas situações significativas? Nesse momento estamos assumindo um compromisso político, a partir da ação técnico-pedagógica, de priorizar determinado aspecto da realidade que nossa prática social buscará transformar. Portanto, a partir das situações significativas, estabelecem-se objetivos gerais.

Situação futura desejada

A situação futura desejada deverá evidenciar o que a turma almeja alcançar ao final do projeto, relacionado com a situação atual da comunidade, para ter uma melhor qualidade de vida.

3.2. Plano de aula

Os planos de aula são elaborados em encontros pedagógicos semanais que oportunizam a troca de experiências, sob a coordenação dos coordenadores locais.
A construção do plano é fundamental, pois serve como norteador para o fazer pedagógico, para auxiliar nas ações pedagógicas e contribuir para um melhor desempenho do(a) educador(a) e educandos(as) no processo de ensino-aprendizagem.
São realizados estudos dirigidos de acordo com as necessidades dos núcleos, assuntos que embasam e enriquecem os temas geradores e subtemas trabalhados nas turmas. Os planos de aula são construídos partindo dos conhecimentos prévios dos(as) educandos(as), de acordo com os temas geradores e subtemas contidos no Projeto Político-Pedagógico de cada turma.
Os conteúdos desenvolvidos são sistematizados de forma contextualizada.
O plano de aula é diário e deve ser elaborado desde o início dos trabalhos com o grupo, contribuindo para a organização do processo já no primeiro dia e sendo, posteriormente, a continuidade do planejamento.
A partir do que foi planejado, cada educador(a), conforme a realidade da turma/comunidade, detalha as atividades previstas, sendo adequadas às respectivas situações significativas.

É através do planejamento que podemos organizar o trabalho, definindo o que queremos em determinado tempo. Porém, o plano de aula, às vezes, torna-se amplo, necessitando considerar a diversidade no momento da realização das atividades, a fim de facilitar a compreensão e aprendizagem de todos.

Sabemos que o planejamento é uma maneira de nos assegurar sobre o que pretendemos; assim, definimos metas e objetivos para serem alcançados passo a passo em sala de aula.

De acordo com a concepção de planejamento do Projeto Mova, um plano de aula deve conter os seguintes itens abaixo.

3.2.1. Quadro orientador do plano de aula

Subtema

A partir da problematização e para responder a ela, surgem os subtemas. Os subtemas são temas relacionados ao tema gerador e que objetivam esclarecer a problematização feita. A escolha dos subtemas também é feita pelo(a) educador(a) conjuntamente com os(as) educandos(as). Esse processo é muito importante para que os(as) educandos(as) percebam que eles podem contribuir na sua comunidade da mesma forma que contribuem na sala de aula.

Objetivos específicos

Os objetivos devem ser estabelecidos pelo(a) educador(a), considerando o que o(a) educando(a) deverá aprender a partir do estudo daquele conteúdo e atividade a ser desenvolvida. Para formular os objetivos, o(a) educador(a) deverá se perguntar: o que pretendo que meu(minha) educando(a) aprenda a partir do estudo desse subtema? Os objetivos devem ser claros e possíveis de serem alcançados a partir das atividades pedagógicas.

Conteúdos

A partir do subtema e dos objetivos estabelecidos, o(a) educador(a) selecionará os conteúdos. O trabalho e estudo dos conteúdos possibilitarão o desenvolvimento dos subtemas.

Subtema	Objetivo específico	Conteúdos	Metodologia / atividades	Recursos necessários	Avaliação

Metodologia/atividades

Para atingir os objetivos propostos, o educador definirá a metodologia. Como serão desenvolvidas as atividades. Realizam-se palestras, debates de textos, interpretação de fatos, gravuras, vídeos etc.; tudo a partir do tema escolhido. As palestras, sobre os mais variados temas, possibilitam o aprofundamento dos debates em sala de aula, e muitas vezes essas palestras são ampliadas para a comunidade, onde juntos buscam alternativas para solucionar problemas comuns. Trabalhos em grupos, pesquisas, produção textual coletiva, interpretação oral e escrita de textos, músicas, colagem, trabalhos manuais, jogos, confecção de cartazes, cine-fórum.

Recursos necessários

Depois de definir a metodologia, o(a) educador(a) deverá estar atento para os recursos que serão necessários para realizar a aula.

Avaliação

É importante definir a maneira como será realizada a avaliação. Deve-se observar se os objetivos foram alcançados e como se deu o envolvimento dos(as) educadores(as) e educandos(as) em todo o processo de ensino-aprendizagem.

3.3. Plano de mobilização e intervenção social

Para a construção do plano de mobilização e intervenção social, o ponto de partida é exatamente um problema significativo, identificado na situação atual da turma, a partir do estudo da realidade e diretamente ligado ao tema gerador, como, por exemplo, a falta de água. Outro problema pode ser identificado também no decorrer dos encontros na sala de aula, como é o caso da dificuldade visual dos(as) educandos(as). Esse problema interfere na aprendizagem, então, educandos(as) e educadores(as) propõem um plano de mobilização para resolver o problema.

3.3.1. Quadro orientador do plano das ações de mobilização e intervenção social

Ação necessária

Diante do problema, educandos(as) e educadores(as) definem a ação necessária para

Problema	Ação necessária	Objetivos e metas	Metodologia atividades	Recursos necessários	Fonte para os recursos	Responsáveis pela ação	Parceiros

resolver o problema identificado. Muitos(as) educadores(as) fizeram o seguinte questionamento para facilitar a compreensão da ação necessária: o que precisamos fazer para resolver esse problema? Por exemplo, para resolver ou amenizar o problema de falta de água, a ação necessária é a construção de cisterna.

Objetivos e metas

Depois de estabelecida a ação necessária para vencer o problema, define-se os objetivos a serem alcançados para a resolução do problema.
Exemplos:

- captar água de chuva para o consumo das famílias;
- sensibilizar as famílias para o consumo adequado da água;
- despertar as famílias para a convivência com o semiárido.

As metas são os resultados esperados, expressos com indicadores (valores) mensuráveis que possam ser medidos (qualitativos e quantitativos).
Exemplos:

- diminuição de 20% de casos de doenças oriundas do consumo de água não potável;
- participação de 80% das famílias no processo de sensibilização;
- 40% das famílias desenvolvendo práticas de produção orgânica.

Os meios de verificação são:

- listas de presença;
- relatórios técnicos;
- atas de reuniões;
- índices e relatórios da secretaria de saúde.

Atividades

As atividades propostas relacionam-se com os objetivos definidos. Para que os objetivos sejam atingidos serão necessários alguns encaminhamentos:

- sensibilização dos parceiros;
- seleção do público alvo (beneficiários);
- sensibilização dos beneficiários para a implantação da ação;
- seleção de profissionais qualificados para executar a obra;

- cotação/licitação para compra de materiais;
- escavação dos buracos;
- compra dos materiais;
- início da construção.

Metodologia/atividades

Deve-se pensar também na *metodologia*, ou seja, na forma como será realizada cada atividade: *quando,* o tempo de realização da ação, e o período de execução por atividade.

Recursos necessários

Recursos materiais, tecnológicos, humanos, financeiros para que os objetivos sejam alcançados.

Fonte para os recursos

Educandos(as) e educador(a) definem entidades ou pessoas como fontes para se conseguir os recursos.

Responsáveis pela ação

Definição das pessoas ou instituição responsável pela execução/implantação da ação.

Parceiros

Estabelecer as pessoas ou instituição parceira da ação mobilizadora. Este parceiro pode ser o financiador ou não, pois pode-se ter bons parceiros na realização de uma ação sem recursos diretos. Deve-se buscar, em todos os momentos, provocar a reflexão dos(as) educandos(as) para que eles possam interferir nos seus espaços como: sindicatos, associações, fóruns etc. Para efetivação das ações, a figura dos parceiros locais é de fundamental importância, pois auxiliam na execução das ações, conforme relatados na sequência.

3.3.2. Relatos de atividades

A seguir, alguns relatos de temas trabalhados nos polos sobre o processo de sistematização do estudo da realidade, demonstrando a riqueza potencial da metodologia adotada no Projeto MOVA-Brasil.

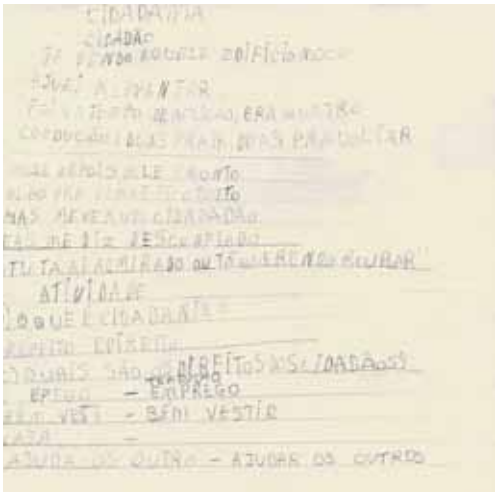
Desemprego

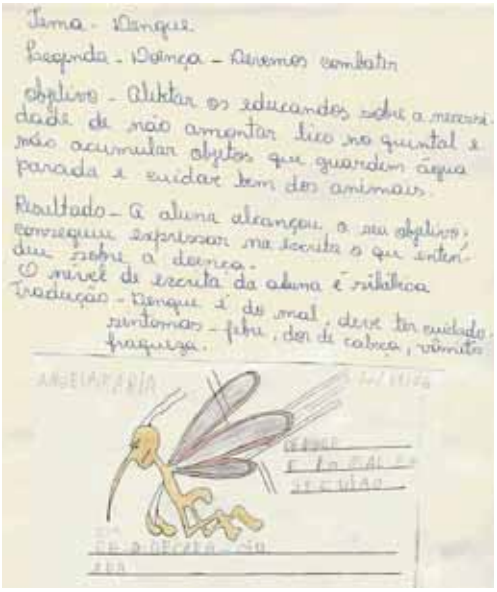
O tema gerador *desemprego* foi diagnosticado através de pesquisa de campo e estudo da realidade, momento em que tanto os(as) educadores(as) quanto os(as) educandos(as) buscaram recursos como entrevistas, jornais, anúncios, livros, encartes e as experiências vivenciadas pelos(as) próprios(as) educandos(as).
Na construção da metodologia e definição dos conteúdos, articulou-se a metodologia de educação popular, procurando

construir os conhecimentos a partir da realidade de cada educando(a) e, ao mesmo tempo, garantir o acesso dos(as) educandos(as) ao conhecimento já produzido sobre os assuntos. Através da problematização do tema gerador, surgiram os subtemas. Retomou-se, junto com educandos(as), as situações significativas, os objetivos, situações desejadas, os conteúdos e as atividades.

Saúde

A partir do tema gerador *saúde*, definido em sala de aula, através da pesquisa de campo dentro do estudo da realidade, definiu-se um campo de práticas educativas. Para as atividades, adotou-se uma metodologia dialógica e problematizadora baseada na formulação de perguntas, de caráter objetivo e subjetivo, procurando verificar as causas dos problemas sobre os quais os(as) educandos(as) se pronunciaram. As questões foram respondidas individualmente e em grupos e sintetizadas em plenário. A partir dos dados disponíveis e das discussões até então realizadas, os(as) educandos(as) tiveram condições de estabelecer possíveis saídas para os problemas levantados e, mesmo, de organizá-los por categorias; ou seja, definiram-se estratégias e ações específicas para cada situação desejada.
A atividade foi bem planejada. Isso ajudou muito o(a) educador(a) a seguir o rumo, sendo o planejamento sempre flexível, trabalhando com a realidade dos(as) educandos(as), que muitas vezes trazem contextos familiares e situações ocorridas na comunidade.





Produção escrita dos educandos do MOVA sobre a dengue.

4. Avaliação

Discorrer sobre a avaliação implica considerarmos os aspectos que lhe são determinantes: ideológicos, políticos e culturais. Ao considerá-los, envolvemo-nos com algumas questões: Que educando(a) queremos formar? Que sociedade queremos construir? Que valores defendemos? Avaliar quando, para quê, por que e como?

O desenvolvimento dos(as) educandos(as) é observado, de uma forma geral, em relação ao planejamento, a partir da participação da turma a cada tema colocado, a interação entre si e com os(as) educadores(as); através das atividades propostas em grupo e individualmente; a partir das manifestações do(a) educando(a) em sala; das atividades escritas, de leitura, observando e registrando suas necessidades. Nesse processo, o planejamento também está sendo avaliado, buscando-se perceber se as estratégias e os recursos utilizados foram adequados para o entendimento e envolvimento da turma.

As atividades de leitura, escrita do texto e de matemática são referenciadas nos conteúdos do tema gerador, que é fonte da discussão e das atividades propostas em sala de aula. Os conteúdos trabalhados não são soltos e descontextualizados e sim relacionados às situações vivenciadas pelos(as) educandos(as) na sua vida cotidiana.

A avaliação é contínua: a cada dia, os(as) educandos(as) são avaliados pelos(as)

educadores(as) em sua aprendizagem, identificando o que foi aprendido ou não, e novas propostas de atividades surgem para garantir o avanço do conhecimento. A partir da avaliação diagnóstica processual, os(as) educadores(as) oferecem aos(às) educandos(as) atividades diversas que atendam às suas necessidades, respeitando o seu nível de aprendizagem.

A avaliação *diagnóstica inicial*, dimensão constituinte do estudo da realidade, é feita nos primeiros dias de aula para identificação dos conhecimentos prévios dos(as) educandos(as), referentes à leitura, escrita e matemática.

O portfólio *dos(as) educandos(as)*, construído ao longo de todo o processo, não é apenas uma reunião dos melhores trabalhos dos(as) educandos(as), mas um instrumento para identificar o crescimento e desenvolvimento da aprendizagem dos(as) educandos(as), com a sua participação.

4.1. Avaliação diagnóstica inicial dos(as) educandos(as)

A avaliação diagnóstica inicial é o levantamento dos conhecimentos prévios dos(as) educandos(as) sobre determinado tema, conceito, procedimento. O objetivo é diagnosticar os níveis de conhecimento da escrita, da leitura e da matemática dos(as) educandos(as), para que os(as) educadores(as) possam selecionar as atividades necessárias para propiciar a aprendizagem do seu grupo.

Realizar a avaliação diagnóstica é parte fundamental do processo ensino-aprendizagem, e esta se dá a partir do instante em que conhecemos os(as) educandos(as) com quem vamos trabalhar, mediante as observações e registros que o(a) educador(a) faz durante o desenvolvimento das aulas. É preciso estar muito atento para realizar este exercício que vai além das observações e registros de fatos óbvios. Faz-se necessário, portanto, utilizar instrumentos adequados. O(A) educador(a) tem que possuir também a sensibilidade para descobrir o que se encontra implícito diante das atitudes dos seus(suas) educandos(as), que inúmeras vezes, estão tomados por vergonha de se expor. É preciso detectar e valorizar os conhecimentos que trazem consigo e seus diferentes ritmos.

O diagnóstico serve como subsídio orientador dos

planejamentos das ações que serão realizadas com a turma. Com as suas observações, que se dão em vários momentos, o(a) educador(a) traça os variados caminhos que percorrerá para realizar intervenções no processo de ensino-aprendizagem.

Para a realização desta avaliação, os educadores e educadoras, em sua maior parte, fazem as observações e anotações ao longo das atividades realizadas sobre a história de vida, perfil do(a) educando(a) e da infraestrutura, no estudo da realidade. Outros percebem os níveis de leitura, escrita e conhecimentos matemáticos em apenas uma ou duas situações vivenciadas, também, nestes momentos.

Diagnóstico inicial da escrita

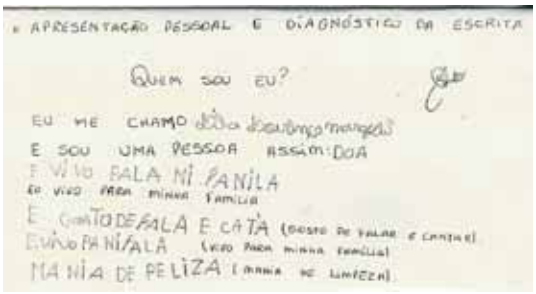
Todas as atividades realizadas pelos(as) educandos(as) devem ser identificadas com o seu nome e a data. Ao realizar o diagnóstico inicial da escrita, cada educando(a) recebe uma folha sulfite e escreve o seu nome, idade e data. No caso do(a) educando(a) não saber escrever, o(a) educador(a) deverá fazer esta anotação. O tipo de letra da escrita do(a) educando(a) deverá ser aquela utilizada por ele, ou seja, bastão ou cursiva. Só é possível saber o nível de conhecimento da escrita do(a) educando(a) solicitando a ele que leia a sua produção, apontando com o dedo para que o(a) educador(a) possa indicar o nível.

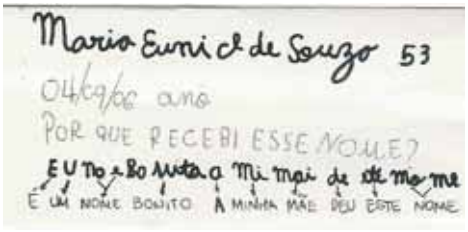
A seguir, algumas atividades desenvolvidas pelos(as) educadores(as) que abordam as questões aqui apontadas.

4.1.1. Relatos de atividades

Atividades para diagnóstico da *escrita*

- Distribuem-se algumas revistas e jornais, solicitando que os(as) educandos(as) escolham figuras que possam associar a algum fato de sua história de vida. Depois que cada um escolhe sua figura, solicita-se que a colem em uma folha e tentem escrever suas lembranças.
- A atividade de escrita deve acontecer logo nas primeiras aulas. Solicita-se que os(as) educandos(as) façam uma apresentação deles mesmos, sendo necessário escrever o que queriam falar. Explica-se para eles que é fundamental, para o desenvolvimento das aulas, que todos escrevam do jeito deles. Os(As) educandos(as) que não conseguirem escrever podem





Diagnóstico de escrita dos educandos do MOVA.

fazer a apresentação oralmente e, posteriormente, preparam-se outras atividades para diagnosticar o nível de escrita desses(as) educandos(as).

- Outra atividade que pode ser feita com os(as) educandos(as), nessa fase inicial, é a partir dos relatos com os objetos trazidos por eles(as). Pede-se que registrem em papel ofício os fatos marcantes da vida deles(as). Esta produção pode servir como base para a realização do diagnóstico inicial da escrita.

Atividades para diagnóstico inicial da *leitura*

- Seleciona-se uma gravura relacionada a um tema. A gravura deve estar acompanhada de uma frase escrita pelo educador. Solicita-se que o(a) educando(a) leia a frase e, em seguida, localize no texto as palavras lidas. Essa atividade possibilitará ao educador perceber a interpretação que o(a) educando(a) elabora a respeito da relação entre a imagem e o texto escrito.
- Elabora-se uma frase e a escreve na presença do educando para que ele possa acompanhar a leitura. A seguir, solicita-se ao(à) educando(a) que leia o que está escrito. Se ele tiver dificuldade, o(a) educador(a) poderá repetir novamente a leitura do texto. O(A) educando(a) deverá apontar no texto as palavras que leu. Essa atividade possibilitará perceber se o educando considera todo o texto ou apenas partes.

Diagnóstico inicial da *matemática*

Consiste em diagnosticar a capacidade de mobilização de conhecimentos associados à quantificação, à ordenação, à orientação e às suas relações, operações e representações, na realização de tarefas ou na resolução de situações-problema. Nesta perspectiva, devem-se elaborar atividades que possibilitem diagnosticar os diferentes níveis de conhecimento

matemático. A seguir, algumas atividades desenvolvidas pelos(as) educadores(as):

- O(A) educador(a) pode questionar os(as) educandos(as) se todos sabem que a matemática está presente diariamente na nossa vida e os incentivar a dar algum exemplo do uso da matemática no cotidiano. No início, alguns podem ficar tímidos achando que não sabem, mas depois o(a) educador(a) pode ajudar, fazendo perguntas como: quando vocês compram pão, já sabem quantos vão comprar? Sobra troco? E o leite, quanto custa? Sabem comparar o produto que está mais barato no mercado? Separa o dinheiro para fazer pagamentos? Durante o questionamento, os(as) educandos(as) vão ficando à vontade e darão exemplos do uso da matemática no cotidiano deles. Depois, o educador pode pedir que os(as) educandos(as) coloquem numa folha em branco seus conhecimentos em relação aos números.
- Produzir fichas que contemplem os seguintes itens: nome, idade, endereço, CEP, número dos principais documentos, número de telefone. Depois, mostrar aos(às) educandos(as) que aqueles dados abordados nas fichas relacionam números presentes no cotidiano deles.
- Em uma atividade escrita, o(a) educador(a) pode solicitar aos(às) educandos(as) que associem o número à grafia e à quantidade. Em seguida, os(as) educandos(as) distribuiriam um número em quantidades iguais. (Anexo)
- Na sala de aula deve haver uma lista com a relação de nomes dos(as) educandos(as); aproveitando a lista, pode-se pedir que eles contem quantos alunos há na sala e, em seguida, escrever em uma folha de papel.
- Os(As) educandos(as) podem ser convidados a quantificar objetos pessoais, semelhanças e diferenças entre eles (anexo).
- O(A) educador(a) pode realizar bingo de números.
- Pode-se trabalhar com a construção de lista de mercadorias que os(as) educandos(as) utilizam. Eles recebem um envelope com um determinado valor, aproximado ao valor do salário mínimo. O primeiro passo é escrever os nomes dos produtos; depois, fazer uma pesquisa de preços através dos encartes; em seguida, relacionar esses preços aos produtos e fazer o cálculo.

Registro dos educandos – Atividade de matemática.

4.2. Portfólio dos(as) educandos(as)

Avaliar consiste em analisar os aspectos cognitivos, políticos e sociais, tendo em vista as características próprias de desenvolvimento de cada um. Neste sentido, é essencial avaliarmos, no processo de aprendizagem dos(as) educandos(as): a aquisição da leitura e da escrita, o desenvolvimento do raciocínio lógico, a aplicação prática dos conhecimentos matemáticos e a ampliação da visão de mundo. Os portfólios, além de possibilitar o acompanhamento do processo de aprendizagem dos(as) educandos(as), contribuem para se ter uma visão de como se desenvolvem as atividades na sala de aula.

A construção do portfólio se dá a partir do primeiro dia de aula até a última semana. Possibilita aos monitores acompanhar cada educando(a) de perto, avaliando em qual nível da escrita, leitura, matemática e leitura de mundo se encontra. Ao participar na seleção das atividades e na avaliação com os(as) educadores(as), os(as) educandos(as) percebem seus avanços e são motivados a continuar.

Objetivos do portfólio

- Motivar os(as) educandos(as) com mais dificuldades de aprendizagem, ao fornecer-lhes "algo para mostrar seus esforços", no lugar de lhe apresentar uma série decepcionante de notas e níveis.
- Fornecer aos(as) educandos(as) a oportunidade de declarar sua identidade, documentar e

mostrar coisas que são importantes para eles – outra fonte de motivação.
- Oferecer aos(as) educandos(as) a oportunidade de refletir sobre suas experiências e seus êxitos dentro e fora da escola e, assim, assumir maior responsabilidade por aquelas experiências e por aqueles êxitos.
- Fornecer evidências mais diversificadas das competências dos(as) educandos(as) e do sucesso do público externo, como pais e empregadores.

Princípios do trabalho com portfólios

- Favorecer a autoavaliação e a reflexão sobre os processos de aprendizagem.
- Possibilitar a (re)criação da prática avaliativa comprometida e voltada ao pensamento crítico e à tomada de decisões.
- Construção, reflexão, criatividade, autoavaliação, parceria e autonomia.

4.2.1. Organização do portfólio

Adotando uma abordagem didática, os portfólios construídos nos espaços de aprendizagem do MOVA-Brasil possuem a seguinte organização:

- Apresentação: de quem é o portfólio, período de elaboração, como foi elaborado.
- Identificação: dados pessoais do(a) educando(a).
- História de vida do(a) educando(a).
- Diagnóstico inicial da leitura, da escrita e da matemática.
- Atividades que serão inseridas no portfólio durante os dez meses.
- Explicação da atividade: escolher atividades de diferentes portadores de textos e de matemática.
- Objetivos da atividade.
- Reflexão sobre o aprendizado do(a) educando(a).
- Conclusão:
  - análise do desenvolvimento longitudinal do(a) educando(a): leitura, escrita e matemática;
  - conclusão que sintetiza o desenvolvimento de sua aprendizagem;
  - impacto da alfabetização na vida do(a) educando(a).

Para a construção do portfólio, alguns passos são seguidos

- As atividades pedagógicas realizadas são todas reunidas por educando(a).
- Ao final de cada mês, o(a) educador(a) apresenta aos(às) educandos(as) as suas

atividades para que escolham duas atividades (uma de escrita e uma de matemática) para fazer parte do portfólio.

- O(A) educador(a) orienta para que os(as) educandos(as) escolham as atividades significativas que representem o desenvolvimento da sua aprendizagem;
- O(A) educador(a) escreve no verso de cada atividade o seu objetivo, metodologia e resultado;
- A cada mês, os(as) educandos(as), juntamente com o(a) educador(a) comparam as atividades para identificar o desenvolvimento de aprendizagem.

4.2.2. Relatos de atividades

No princípio, muitas monitoras elegiam um dia para "aplicar" o portfólio, como uma espécie de prova. Para ilustrar, segue trecho do relatório da monitora Deise André Barbosa: "No começo, eu não entendi muito bem como fazer o portfólio. Os primeiros eu tirava um dia só para dá-los a toda turma e guardava para entregá--los. Não entendia que portfólio significava a demonstração do avanço do aluno a cada mês".

Em função deste entendimento ser recorrente no início do projeto, passamos a discutir a forma de construção do portfólio todo mês e os(as) educadores(as), de uma forma geral, passaram a desenvolver com seus(suas) educandos(as), atividades no caderno e em folhas avulsas, avaliando os avanços de cada um para definir qual atividade faria parte do portfólio a cada fim de mês: "Para cada conteúdo eu faço atividades no caderno e na folha. As que são feitas em folhas de papel ofício eu coloco em cada pasta e depois verifico os avanços ou não. Todos fazem a mesma atividade, mas cada educando dentro do seu nível." (Driele Roque de Souza).

"O procedimento que utilizo é sempre retirar uma atividade que percebi a evolução do aluno, ainda não retirei nenhuma que não deu certo, que ele fez errado ou que não tenha conseguido fazer, pois acho que isso iria frustrar o aluno, pois o processo já é bem interessante, porque eles próprios vão achando erros nas atividades anteriores e morrem de rir" (Lucivânia S. da Costa).

Com o objetivo de fornecer aos(às) educandos(as) oportunidade de declarar sua identidade ao documentar e

mostrar coisas importantes para ele como fonte de motivação, dando oportunidade de refletir sobre suas experiências e seus êxitos dentro e fora da sala de aula, cada educando(a) personificou o seu portfólio.

No núcleo Garis do Mar (PE), a pasta do portfólio foi construída com o objetivo de caracterizar o núcleo a partir da cultura local – preservação dos animais marítimos –, pois a localização dos núcleos abrange a dimensão das praias.

O Núcleo Recicla Vidas (PE) é composto na sua maioria por recicladores. Uma de suas turmas construiu a pasta de seu portfólio com o próprio material de trabalho, reciclando caixas e outros adereços encontrados na natureza.

Uma das turmas do Núcleo Movendo Arte (PE), localizado no Agreste, a partir do tema gerador *desemprego* confeccionou as *pastas* dos portfólios de pernas de calça jeans que não eram mais utilizadas. Os(As) educandos(as) fizeram bolsas e customizaram com estamparia e decoupagem. Este trabalho serviu de exemplo para muitos(as) educandos(as) construírem outras bolsas para seu uso pessoal, além de terem vendido e obtido uma renda extra.

No processo de avaliação desenvolvido durante a prática do ensino-aprendizagem, é preciso um meticuloso cuidado para o exercício de trabalhar com os diferentes níveis. Uma atividade de fundamental importância a ser desenvolvida é a história de vida do(a) educando(a) para que essa possa ser conhecida e confrontada com o impacto da alfabetização na vida dele(a) onde se percebe que o processo ao qual foi submetido(a) possibilitou que este(a) pudesse reescrever a sua história. Outro pressuposto básico é o diagnóstico inicial a ser realizado com o(a) educando(a): o diagnóstico da leitura, da escrita e da matemática; desta forma, efetivamente, o(a) educador(a) pode adequar-se à realidade de conhecimento e aprendizagem que o(a) educando(a) traz, conhecimento, fruto de uma leitura de mundo.

Com o objetivo de promover a autoavaliação e reflexão que contribuísse para o crescimento de cada educando(a), o núcleo Aracati (CE) acrescentou itens ao portfólio para que a riqueza de detalhes pudesse ser mostrada de uma maneira mais abrangente nos trabalhos realizados. Desta forma, os portfólios trazem:

- CAPA. Aqui deve conter informações como título, instituição, local e data. Para ilustrar o núcleo selecionam-se

várias fotografias que representam o município.

- CONTRACAPA (folha de rosto). Cada portfólio terá uma fotografia da turma com seus respectivos nomes.
- IDENTIFICAÇÃO. Apresentação dos elementos necessários à identificação como: nome do educando, nome do coordenador de núcleo, nome do monitor, parceiros, local e data de início e término da fase.
- DEDICATÓRIA(S). Aqui o educando faz a dedicação dos seus trabalhos a pessoas importantes para ele.
- AGRADECIMENTOS. Nesta folha são registrados os agradecimentos às pessoas ou instituições parceiras que colaboraram na realização do trabalho.
- ÍNDICE (OU SUMÁRIO). É a enumeração das divisões ocorridas no portfólio, na ordem em que se encontram os trabalhos e com indicação da página inicial correspondente.
- APRESENTAÇÃO. É feita uma apresentação do trabalho em geral, pela coordenação de núcleo.
- INTRODUÇÃO. É feita pelo monitor, justificando e explicando o que é o trabalho, a importância e a finalidade da elaboração de acordo com seus temas e subtemas trabalhados dentro da sua comunidade.
- DESENVOLVIMENTO. É a espinha dorsal do trabalho, dividido em dois momentos:
  1. O registro contendo a data, o conteúdo, os objetivos, a metodologia e a avaliação:
     - história de vida do educando;
     - diagnóstico da escrita, leitura e matemática.
  2. O registro contendo o mês, o tema gerador ou o subtema trabalhado, conteúdos, objetivos, metodologia e avaliação das duas atividades mensais anexadas. Este processo se repete mensalmente até finalizar a fase.
- CONCLUSÃO. É a parte do portfólio onde serão feitas as considerações finais com relação ao processo de aprendizagem e a importância do projeto para a execução do trabalho.
  Esta conclusão será feita através:
  - da análise do desenvolvimento longitudinal do educando;
  - do impacto da alfabetização em sua vida.
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. É inserida a bibliografia utilizada pelo monitor para confeccionar o portfólio.

O processo de avaliação requer critérios que não podem ser norteados por propostas pedagógicas conservadoras e tradicionais que não possibilitam que o(a) educando(a) demonstre seu conhecimento prévio. É necessário um processo dialético de livre expressão onde o(a) educador(a) tem a missão primordial de estimular e orientar a construção criativa do(a) educando(a). O núcleo Flor de Laranjeira (SE) buscou desenvolver o processo de avaliação desde o início da etapa. Assim, a observação dos níveis de escrita, leitura e matemática, bem como os avanços na oralidade e na capacidade de interação com o grupo e com a sociedade, hão de ser vistos desde os contatos iniciais em sala de aula.

A atual etapa do MOVA-Brasil em Sergipe trouxe um interessante mecanismo de realização da avaliação. Trata-se da *Planilha de Avaliação do Avanço Longitudinal do Educando:* os enunciados baseados nos pressupostos teóricos de Emília Ferreiro dessa planilha servem de instrumento eficaz para que seja feita uma ampla avaliação em todos os meses trabalhados. Em função dessa importância, recomenda-se que o portfólio traga essa planilha.

Foram fixadas atividades do início do processo, de meados, e do término do mesmo, como parâmetros para constatação do desenvolvimento do(a) alfabetizando(a). Um ponto em comum das atividades é a possibilidade do(a) educando(a) expressar-se e construir com liberdade. As atividades do(a) educando(a) exemplificam o desenvolvimento e aprimoramento obtido durante cerca de oito meses do projeto. É perceptível, em tais atividades, os diferentes níveis de escrita pelos quais o(a) educando(a) passou.

Considerações finais

As práticas de registro e de sistematização de experiências e de propostas se revelam um excelente processo formativo, além de nos possibilitar melhor conhecer a experiência, os indivíduos e grupos que compartilham processos de aprendizagem. Acreditamos que, ao vivenciar um processo de sistematização, as pessoas/os profissionais da educação não permanecem os mesmos: sem dúvida, tanto suas práticas como seus sistemas de valores passam por mudanças. E esse momento de análise e interpretação desempenha um papel significativo no desencadeamento e na orientação dessas mudanças.

Em Pedagogia *da Autonomia*, Freire (1996, p. 76) afirma que:

> Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como determinação. "O mundo não é. O mundo está sendo".

A proposta de se fazer um caderno com o registro das principais atividades realizadas para a construção do Projeto Político-Pedagógico (PPP) foi significativa e desafiadora ao mesmo tempo. O desafio maior foi recuperar os registros das aulas e atividades feitas pelos(as) educandos(as) e educadores(as), porque sabemos que ainda não temos a prática de registrar devidamente as nossas ações pedagógicas. Sabemos que muita

coisa interessante foi construída por educandos(as) e educadores(as) nos espaços de sala de aula e que não temos como evidenciar isso porque não registramos, ou registramos indevidamente, ou ainda registramos, mas não guardamos. Exatamente por isso é que fazer esse esforço faz-nos mudar de perspectiva.

Mesmo reconhecendo as dificuldades, não podemos deixar de perceber os benefícios que esse trabalho trouxe para todos que participaram, especialmente os(as) educadores(as), pois tivemos a oportunidade de refletir sobre nossas ações educativas. Essa reflexão nos faz perceber a necessidade de sermos mais atentos nas nossas propostas pedagógicas, que devem ter sempre como foco o desenvolvimento da aprendizagem do(a) nosso(a) educando(a).

Para trabalhar na EJA é preciso ter muita sensibilidade para perceber as dificuldades, medos e anseios dos(as) educandos(as) e com isso intervir. Ao mesmo tempo, compreender que os(as) educandos(as) possuem saberes diferentes e que por isso devem ser tratados(as) de forma diferente na hora de aprender. A partir daí, o(a) educador(a) deve refletir sempre sobre sua prática pedagógica bem como sobre sua forma de avaliar.

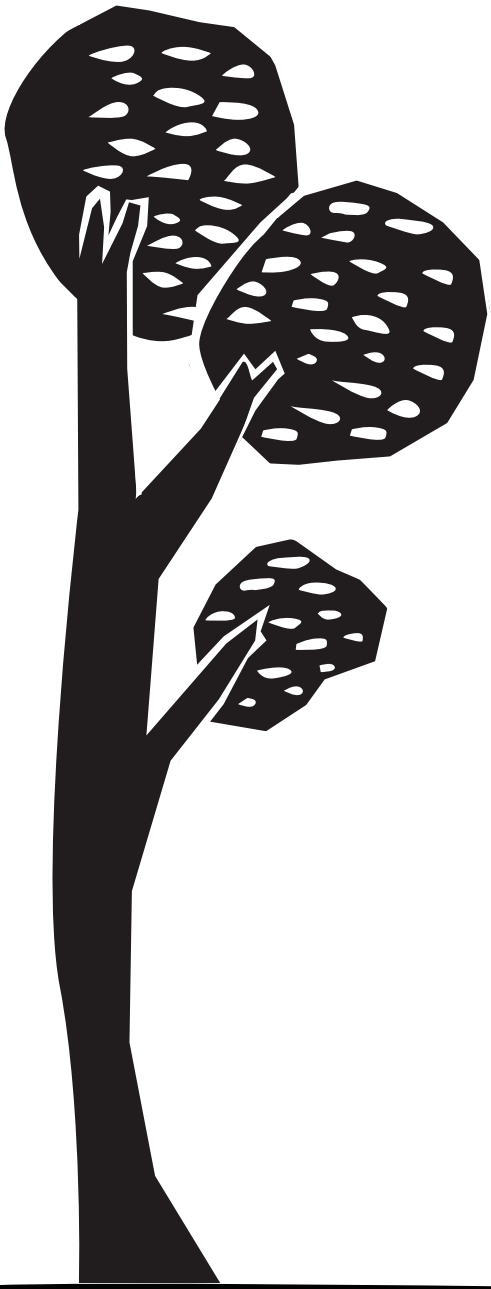
Assim, a avaliação, vista como parte integrante do ato educativo, torna-se um instrumento para que o(a) educador(a) defina a sua prática educativa, pois é na relação entre refletir, agir e refletir que se poderá estabelecer as ações necessárias para promover uma educação crítica e contextualizada.

Essa relação nos remete a repensar nossa prática, pois o processo de sistematização nos levou a uma interpretação crítica de várias experiências. Podemos absorver seus ensinamentos e descobrir a lógica do processo vivido.

Pensamos que seria uma tarefa fácil. Não fomos acostumados na escola a fazer registros, mas esse desafio nos foi dado e somos gratos, pois foi um exercício maravilhoso que possibilitou a reconstrução da história. Foram momentos significativos dos grupos que levou à construção da memória individual e coletiva. Momentos de discussões, teorias e práticas que contribuíram para uma construção coletiva que, quando exposta em plenária, possibilitou uma visão global, enfatizando as diferentes práticas e os pontos

críticos que vão dando norte ao nosso PPP.

Portanto, temos ainda muito que avançar. O MOVA-Brasil trouxe possibilidades para os polos, mas a mudança já é algo que podemos apontar. É necessário e urgente continuar na luta com o povo e para o povo. Promovendo e fortalecendo a participação de todos os segmentos governamentais e não governamentais envolvidos na proposição de políticas estruturantes, permanentes, comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.



referências bibliográficas

AÇÃO EDUCATIVA. Observatório da Educação e da Juventude. *Alfabetização e analfabetismo*: desafios para as políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

ARROYO, Miguel. *A contribuição do pensamento de Paulo Freire para a construção do projeto popular para o Brasil*. Palestra proferida no Curso de Formação de Formadores do Projeto Popular para o Brasil, realizado pela Consulta Popular em Ibirité, MG, 29 fev. 2000.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Paulo Freire. *Educação de Jovens e Adultos* – a experiência do MOVA-SP. Organizado por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 1, 5/7/2000*. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA. Brasília, DF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. *Plano Nacional de Educação*. Brasília, DF, 2001.

BRASIL. Parecer CNE/CEB 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA. Brasília, DF, 2000.

CONFINTEA VI. *Marco de Ação de Belém*. Brasília, DF, abr. 2010.

DI PIERRO, Maria Clara (Coord.). *Seis anos de educação de jovens e adultos no Brasil*: os compromissos e a realidade. São Paulo: Observatório da Educação/Ação Educativa, 2003.

FÁVERO, Eugênia Augusta. *Direitos das pessoas com deficiência*: garantia de igualdade na diversidade. Rio de Janeiro: WVA, 2004.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da esperança*. Um encontro com a pedagogia do oprimido. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FUNAP. Secretaria da Administração Penitenciária do Governo do Estado de São Paulo.

_____. *A Matemática na vida vivida* 1. Celi Aparecida Lopes Espasandim. São Paulo, julho de 2005.

_____. *A Matemática na vida vivida* 2. Celi Aparecida Lopes Espasandim. São Paulo, julho de 2005.

_____. *Trabalho*: forma e valores. Jorge Luis Cammarano Gonzales. São Paulo, maio de 2005.

_____. *As palavras e a vida.* Luis Percival Leme Britto. São Paulo, março de 2005.

_____. *Espaço urbano, desigualdade e cidadania.* José Carlos Cacau Lopes. São Paulo, fevereiro de 2005.

GADOTTI, Moacir. *Para chegarmos lá juntos e em tempo*. Cadernos de EJA. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1999.

_____. *Pedagogia da terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

_____. *Mova, por um Brasil alfabetizado*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

_____. *Um legado de esperança*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____; GUTIÉRREZ, Francisco (Org.). *Educação comunitária e economia popular*. São Paulo: Cortez, 1993.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. *Inclusão escolar:* o que é: por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2006.

MORAIS, Artur Gomes de (Org.). *O aprendizado da ortografia.* 3. ed., 1. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

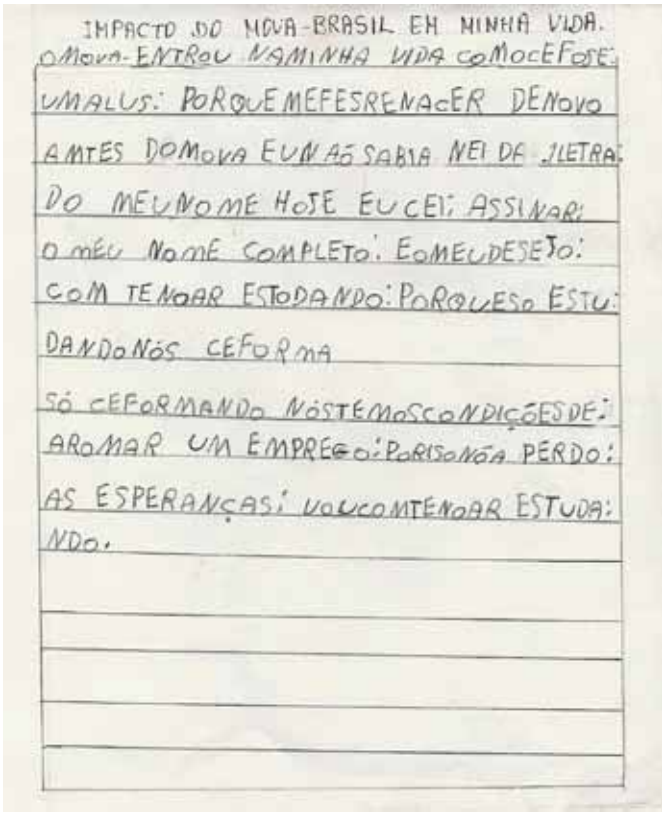
RAAAB: Revista de Educação de Jovens e Adultos – alfabetização e cidadania, São Paulo, n. 14, jul. 2002. Tema: Educação Matemática.

UNESCO. *Declaração de Hamburgo:* Agenda para o futuro. Brasília: Sesi/Unesco, 1999.

VEIGA, Ilma P. A. (Coord.). *Repensando a didática*. 21. ed. Campinas: Papirus, 2004.

VILLAS BOAS, Benigna M. de Freitas. *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico*. Campinas: Papirus, 2004.

anexo



IMPACTO DO MOVA-BRASIL EM MINHA VIDA.
O Mova-ENTROU NA MINHA VIDA COMO CEFOSE:
UM ALUS: PORQUE ME FES RENASCER DE NOVO
ANTES DO MOVA EU NÃO SABIA NEI DA LETRA:
DO MEU NOME HOJE EU CEI: ASSINAR:
O MÉU NOME COMPLETO. E O MEU DESEJO:
COM TENHAR ESTUDANDO: PORQUE SO ESTU:
DANDO NÓS CEFORMA
SÓ CEFORMANDO NÓS TEMOS CONDIÇÕES DE:
ARUMAR UM EMPREGO: PARI SO NÃO PERDO:
AS ESPERANÇAS: VOU COM TENHAR ESTUDA:
NDO.

Impacto do Mova na vida do educando.

Polo RN. Educandos fazendo pesquisa no lixão.

Polo semi-árido. Educandos em visita ao mangue. Pesquisa sobre meio ambiente.

Polo CE. Educandos a caminho da sala de aula.

Polo CE. Educandos produzindo para a Bodega Solidária.

Polo CE. Educandos preparando terreno para a horta comunitária.

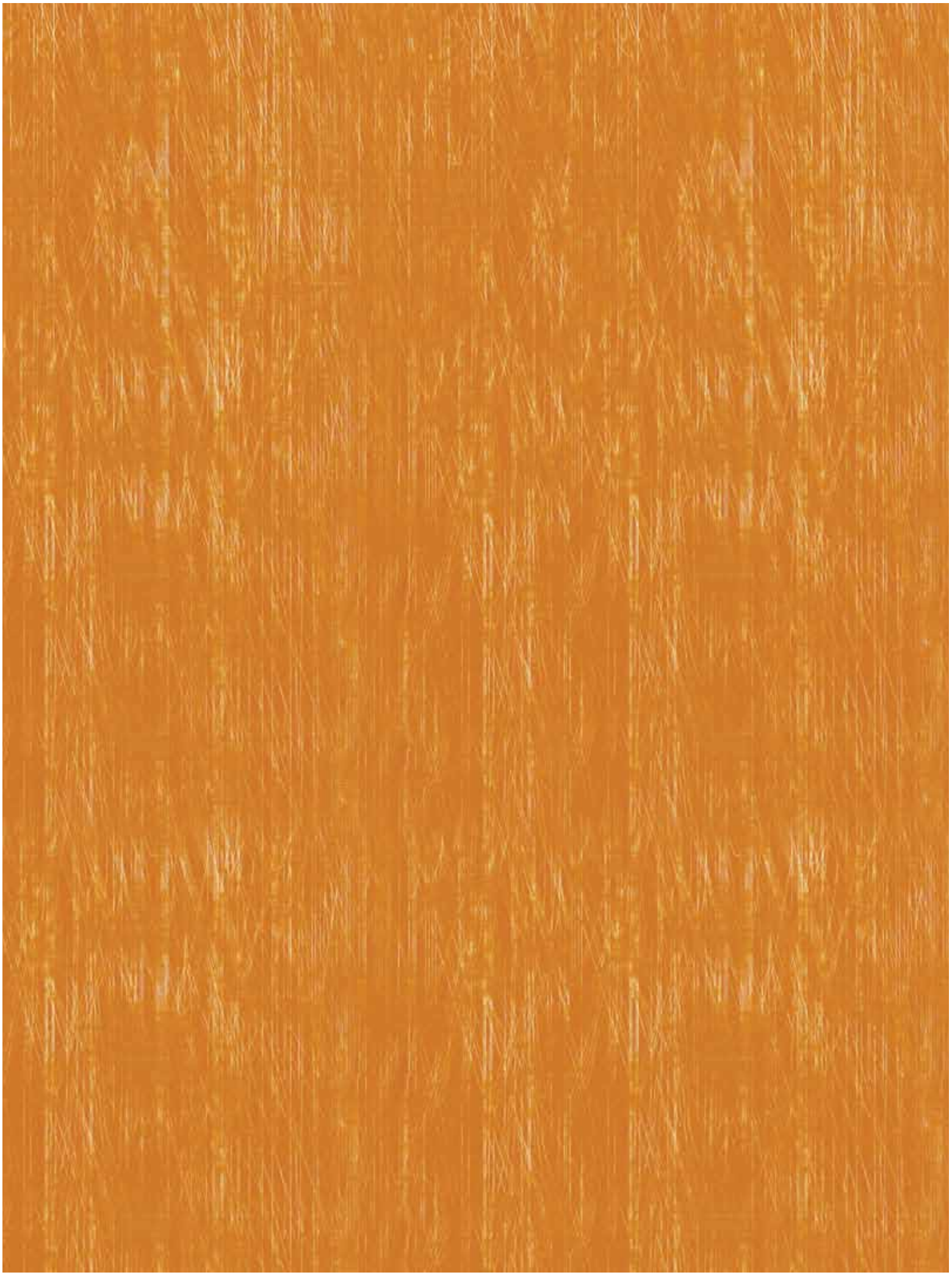
Polo SE. Educandos em atividade.

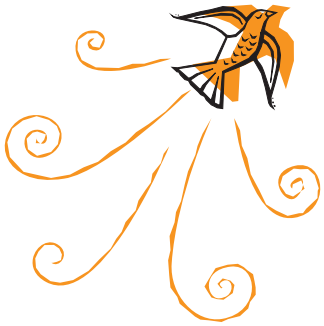
Polo SE. Educandos em atividade.

Polo PE. Educandos produzindo artesanato.

MOVA-Brasil
MOVA-Brasil
MOVA-Brasil
03/08/2004

FC





O que é

Inspirado no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), criado pelo educador Paulo Freire (1921-1997), o Projeto MOVA-Brasil segue no caminho para além das letras e números. Desenvolvido por meio de uma parceria entre Petrobras, Federação Única dos Petroleiros (FUP) e Instituto Paulo Freire (IPF), o projeto tem como finalidade promover a dignidade humana garantindo aos indivíduos e às comunidades a oportunidade de reconstruírem seu destino e de conquistarem o direito à cidadania plena e participativa.

Onde

O Projeto encontra-se em desenvolvimento nos Estados do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Amazonas.

Duração

2008 a 2011

Informações

IPF
Rua Cerro Corá, 550
05061-100 | São Paulo | SP
T: + 55 11 3021 5536
www.paulofreire.org

Petrobras
www.petrobras.com.br

FUP
Av. Rio Branco 133, 21º andar
24040-006 | Rio de Janeiro | RJ
T: +55 3852 5002
www.fup.org.br

InstitutoPauloFreire

FUP
FEDERAÇÃO ÚNICA DOS PETROLEIROS

PROGRAMA PETROBRAS DESENVOLVIMENTO & CIDADANIA

BR PETROBRAS

Ministério da Educação

BRASIL UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL